

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
CURSO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO**

INGRID PORTELA DANTAS DO NASCIMENTO

**COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DA MULHER: REVISÃO SISTEMÁTICA
DA LITERATURA A PARTIR DA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E
DISSERTAÇÕES - BDTD**

**GOIÂNIA
2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): INGRID PORTELA DANTAS DO NASCIMENTO

Título do trabalho: Comportamento Informacional da Mulher: Revisão sistemática da literatura a partir da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações-BDTD

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Eliany Alvarenga De Araújo, Professor do Magistério Superior**, em 18/04/2022, às 18:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **INGRID PORTELA DANTAS DO NASCIMENTO, Discente**, em 19/04/2022, às 01:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2841340** e o código CRC **1E942EC9**.

INGRID PORTELA DANTAS DO NASCIMENTO

**COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DA MULHER:
REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA A PARTIR DA BIBLIOTECA
DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES - BDTD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG) como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Gestão da Informação.

Orientadora: Prof. Dra. Eliany Alvarenga de Araújo

**GOIÂNIA
2022**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Nascimento, Ingrid Portela Dantas do
Comportamento Informacional da Mulher: [manuscrito] : Revisão Sistemática da Literatura a partir da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD / Ingrid Portela Dantas do Nascimento. - 2022. 73 f.

Orientador: Profa. Dra. Eliany Alvarenga de Araújo.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Gestão da Informação, Goiânia, 2022.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui lista de figuras.

1. comportamento informacional da mulher. 2. barreiras informacionais. 3. sujeitos informacionais. 4. revisão sistemática da literatura. I. Araújo, Eliany Alvarenga de , orient. II. Título.

CDU 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos treze dias do mês de abril do ano de 2022, às 16:00 horas, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), modalidade monografia, intitulado “**Comportamento Informacional da Mulher: Revisão sistemática da literatura a partir da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações-BDTD**”, de autoria de INGRID PORTELA DANTAS DO NASCIMENTO, do curso Gestão da Informação, da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Dra. Eliany Alvarenga de Araújo (orientador - FIC/ UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. Rubem Borges Teixeira Ramos (FIC/ UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **9,0** tendo sido o TCC considerado APROVADO.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Eliany Alvarenga De Araújo, Professor do Magistério Superior**, em 13/04/2022, às 17:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rubem Borges Teixeira Ramos, Professor do Magistério Superior**, em 13/04/2022, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2827463** e o código CRC **6A3209DB**.

Dedico este trabalho aos meus pais Patrícia e Hugo, ao meu avô João Anísio e meu padastro Walter Cintra

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Patrícia e Hugo, por todo o amor, carinho, suporte e por sempre me estimularem a estudar e buscar crescimento por meio da educação.

Aos meus avós, maternos e paternos com todo o amor. Em especial à minha avó Antônia por sempre fazer feijão com azeite de coco babaçu e ao meu avô João Anísio que tanto cuidou de mim e sonhava com minha colação de grau.

Ao meu padastro Walter Cintra “Waltinho”, pelo amor cuidado e apoio imenso. Assim como o meu vovô, não estará presente em corpo físico para assistir a defesa e nem a colação de grau, mas a sensação de dever cumprido e a gratidão que tenho pela vida deles com toda a certeza os tocará de onde estiverem.

À minha namorada, pelo amor, cuidado e carinho.

Aos meus primos Iago e Isadora e aos meus tios Antônio José e Elyssandra, pelo amor e carinho.

À minha companheira de vida Honey, minha cadela que está presente em minha vida desde os meus 10 anos de idade.

À minha orientadora e amiga Eliany Alvarenga, que desde o início do curso me encantou com seu jeito único e personalidade forte, por tantos aprendizados e por sempre me estimular a buscar mais.

Ao meu professor e membro da banca examinadora Rubem Ramos, pela disponibilidade e pelos ensinamentos.

Aos meus amigos de Biblioteconomia, Adilson Ribeiro, Adriana Lima, Guilherme Lemes e Letícia Santos que fizeram, em especial, o primeiro ano de faculdade o mais incrível possível.

Aos meus amigos e colegas de turma de Gestão da Informação, em especial Ingrid Marques e Vitor de Sena, por marcarem não só essa trajetória, mas também minha vida.

À minha colega de curso Lara Medeiros que, em um momento de grande luto familiar, me deu suporte na faculdade.

Aos meus amigos da UFG Luanne Giongo e Eloí Lelis.

À UFG e a todo o corpo docente, administradores, técnicos e colaboradores terceirizados da segurança e limpeza por garantirem que esse espaço de conhecimento e crescimento pessoal e coletivo esteja funcionando e recebendo tantos alunos com tantos sonhos.

“Quanto melhores formos na defesa das
nossas convicções e análise dos juízos que os
outros nos apresentarem, mais eficazes
seremos como líderes”. (QUINN et al., 2003)

RESUMO

Constatou-se que os estudos com a abordagem de comportamento informacional de mulheres é escasso. Deste modo, e visando contribuir com a área e destacar novos olhares conforme as pesquisas analisadas, este estudo teve como objetivo identificar a produção brasileira de trabalhos focados no comportamento informacional de mulheres, disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD. A metodologia utilizada foi a de revisão sistemática da literatura. Visando ampliar o escopo de análise, foi utilizada a técnica *backward snowballing* para encontrar mais pesquisas com o mesmo foco. Os resultados foram analisados sob o viés da identificação dos sujeitos informacionais de cada pesquisa e foram classificados nos perfis: a mulher em situação de violência, a mulher como profissional da educação, a mulher como leitora, a mulher trans e a questão de identidade de gênero, a mulher e a maternidade, e a mulher negra e a militância. Foram verificados os principais modelos teóricos utilizados pelos autores das pesquisas e descrito o comportamento informacional de cada um dos sujeitos identificados. As barreiras informacionais percebidas também foram definidas conforme classificação proposta nesta pesquisa. Dentre as principais barreiras constatadas, estão a barreira financeira, a barreira de medo e ansiedade, a barreira de sentido de ameaça, a barreira de desconhecimento e a barreira de dependência tecnológica.

Palavras-chave: comportamento informacional da mulher, barreiras informacionais, sujeitos informacionais, revisão sistemática da literatura

ABSTRACT

It was found that studies addressing the informational behavior of women are scarce. Thus, and aiming to contribute to the area and highlight new perspectives according to the pieces of research analyzed, this study aimed to identify the Brazilian production of works focused on the informational behavior of women, available in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations - BDTD. The methodology used was a systematic literature review. In order to expand the scope of analysis, the backward snowballing technique was used to find more works with the same focus. The results were analyzed from the point of view of identifying the informational subjects of each research and were classified in the following categories: the woman in a situation of violence, the women as a education professional, the woman as a reader, the trans woman and gender identity, the woman and motherhood, and the black woman and militancy. The main theoretical models used by the authors of those works were verified and the informational behavior of each of the identified subjects was described. The perceived informational barriers were also defined according to the classification proposed in this research. Among the main barriers found are: the financial barrier, the barrier of fear and anxiety, the barrier of sense of threat, the barrier of ignorance and the barrier of technological dependence.

Keywords: informational behavior of women, informational barriers, informational subjects, systematic literature review

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Três estágios do processo da Busca.....	17
Figura 2: Modelo de Comportamento Informacional de Wilson (1981).....	20
Figura 3: Modelo revisado Comportamento Informacional de Wilson.....	21
Figura 4: Metodologia Sense-making.....	22
Figura 5: Modelo Valor Agregado de Taylor.....	23
Figura 6: Fases do comportamento na busca informacional de Ellis.....	24
Figura 7: Modelo de uso da informação de Choo.....	25
Figura 8: Modelo de busca de informação na vida cotidiana.....	26
Figura 9: Modelo bidimensional de práticas informacionais.....	27
Figura 10: Versão estendida do modelo de McKenzie.....	28
Figura 11: Fluxograma da Busca Bibliográfica em Janeiro de 2022.....	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Barreiras citadas pelos autores consultados.....	37
Quadro 2: Palavras-Chave para Busca.....	41
Quadro 3: Ponto 1 – Quem são os sujeitos informacionais?.....	48
Quadro 4: Ponto 2 – Modelos Teóricos Comportamento Informacional.....	53
Quadro 5: Ponto 3 – Dificuldades/Barreiras.....	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OBJETIVOS.....	12
2.1 Objetivo Geral.....	12
2.2 Objetivos Específicos.....	12
3 REVISÃO DA LITERATURA.....	13
3.1 Mulher e Informação.....	13
3.2 Comportamento Informacional.....	14
3.2.1 Necessidade de informação.....	15
3.2.2 Busca de informação.....	17
3.2.3 Uso da Informação.....	18
3.2.4 Modelos Teóricos de Comportamento Informacional.....	19
3.2.5 Do Usuário da Informação ao Sujeito Informacional.....	29
3.3 Barreiras Informacionais: Abordagem conceitual e tipologia.....	31
4 METODOLOGIA.....	39
4.1 Delimitação do Campo de Pesquisa.....	39
4.1.1 Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD/IBICT.....	39
4.2 Classificação da Pesquisa.....	39
4.3 Etapas e Técnicas.....	40
4.3.1 Coleta de Dados.....	40
4.3.2 Organização dos dados.....	42
5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	43
5.1 Sujeitos Informacionais Pesquisados.....	43
5.2 Modelos Teóricos Utilizados.....	49
5.3 Dificuldades/Barreiras Informacionais.....	53
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	61
APENDICE A.....	64

1 INTRODUÇÃO

Conforme Simone de Beauvoir (1980) “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Nesta concepção, considera-se que para entender o que é ser mulher requer a compreensão de gênero e o entendimento que a construção social do ser feminino engloba cultura, raça, aspectos sociais, políticos e econômicos. Deste modo, na revisão de literatura desta pesquisa, pautou-se em definir o conceito de gênero e seu avanço ao longo dos anos e também evidenciar o ser mulher e a informação.

O comportamento informacional conforme Martínez-Silveira e Oddone (2007) está relacionado à busca, ao uso e ao manejo de informações e fontes, com o intuito de satisfazer as necessidades informacionais. As necessidades de informação são, por sua vez, descritas por Wilson (1981) como uma experiência subjetiva que ocorre no cognitivo dos indivíduos. Esse comportamento atrelado à informação é objeto de estudo de diversas pesquisas, no entanto, foi levantada a hipótese de que a quantidade de pesquisas com o foco no comportamento informacional de mulheres disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD é pequena. Além disso, o contexto de vida da mulher impacta nas possíveis barreiras/dificuldades que impedem que suas necessidades informacionais sejam atendidas.

Conforme a análise dos estudos disponíveis na base de dados citada, compreendeu-se a confirmação da hipótese. Além de poucos estudos voltados para essa temática na BDTD, muitos não dão destaque às barreiras informacionais que as mulheres enfrentam. Deste modo, o presente trabalho vêm a complementar a análise das pesquisas sobre o assunto e também a trazer luz para as principais barreiras identificadas nos diversos grupos de mulheres analisados.

Como objetivo geral, este estudo identificou a produção brasileira de pesquisas focadas no Comportamento Informacional de mulheres, disponíveis na BDTD, a partir do questionamento “Como se caracterizam as pesquisas brasileiras sobre o comportamento informacional de mulheres?”.

O trabalho é classificado como uma revisão sistemática da literatura, conforme explicado no Capítulo 2 (metodologia). Ele envolveu a seleção de quatro dissertações de mestrado que, dessas, por meio da técnica *backward snowballing*, levaram a outros três artigos para a análise. Para cada grupo de mulheres identificado nas pesquisas, foi classificado

e traçado um perfil específico que, mais adiante, foi relacionado às barreiras percebidas.

O restante deste trabalho está organizado como segue: no Capítulo 3, são apresentadas a síntese e a análise dos dados com as contribuições da identificação dos sujeitos informacionais que representam mulheres e seus contextos como a identidade de gênero, a maternidade, a raça e a militância, entre outros. A identificação do perfil dessas mulheres foi de suma importância para que se pudesse classificar as dificuldades/barreiras enfrentadas por cada uma de acordo com o seu contexto de vida. Foram delineados também quais os modelos teóricos de comportamento da informação utilizados pelos autores das pesquisas analisadas a fim de basearem suas argumentações e análises. Por fim, no Capítulo 4 são feitas as considerações finais sobre a pesquisa e dadas sugestões para trabalhos futuros.

2 OBJETIVOS

Aqui estão explícitos os objetivos que motivam e guiam a execução dessa pesquisa.

2.1 Objetivo Geral

Identificar a produção brasileira de trabalhos, focados no comportamento informacional de mulheres, disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar os sujeitos informacionais pesquisados;
- b) Identificar os modelos teóricos sobre comportamento informacional utilizados;
- c) Verificar as dificuldades/barreiras informacionais enfrentadas pelas pesquisadas.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo apresenta-se a revisão de literatura realizada a partir da literatura brasileira sobre o comportamento informacional de mulheres, considerando contextos e sujeitos informacionais pesquisados, modelos teóricos utilizados e dificuldades/barreiras enfrentadas por estes sujeitos.

3.1 Mulher e Informação

O conceito de gênero é discutido por diversas abordagens e para compreendê-lo, é necessário entender uma cronologia de avanços na definição deste conceito. Conforme Espírito Santo (2008), desde a década de 1970, a concepção de gênero enfatiza a construção e a organização social da relação entre os sexos, ao passo que é diferente do determinismo biológico. Sendo assim, gênero é compreendido por meio de construções sociais, relacionais e culturais. De acordo com a autora, considera-se todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado por ele e nem determina a sexualidade. Para Scott (1995) o gênero é um campo primário de dar significado às relações de poder.

De acordo com Caribe, Pinto e Diogenes (2015) o termo gênero passou a ser utilizado a partir de 1970, inicialmente pelas feministas americanas para teorizar a questão de diferença sexual e ao longo dos anos o conceito de gênero passou a ser descrito como mais ligado a uma construção social. Para Jesus (2012), o sexo de um indivíduo é biológico, enquanto o gênero é social, uma vez que o gênero engloba fatores sociais, culturais e também a autopercepção e expressão. Ainda hoje existem relações baseadas na desigualdade quando abordado o papel da mulher na sociedade.

Ser mulher, portanto, é uma construção social, ao qual a sociedade por meio de características e padrões definidos como femininos, permeia a concepção de modo de expressão, roupas, aparência, entre outros. É importante salientar que a identidade de gênero diz respeito à como um indivíduo se reconhece em relação ao próprio gênero, deste modo, a autopercepção sobressai, em relação aos padrões sociais.

A informação é a matéria-prima do cotidiano do ser humano. O ser humano portanto, tem cinco sentidos que captam as mensagens do ambiente e posteriormente, essa informação passa pelo crivo dos núcleos: cognição, emoção e situação. (CHOO, 2006).

A necessidade informacional para Martínez-Silveira e Oddone (2007) é: “necessidade informacional pode ser entendida como uma experiência subjetiva que ocorre na mente de cada indivíduo em determinada circunstância ou como condição objetiva observável quando uma informação específica contribui para atender ao motivo que a gerou.”

Considerando portanto, a necessidade de informação pelo viés da experiência subjetiva e do contexto que a acarreta o seu surgimento, compreende-se que a mulher possui necessidades de informação mais específicas, ao considerar suas situação social, profissional, financeira, cultural em relação à informação. Deste modo, uma mulher que vive em um país em que não é permitido que ela vá a escola e uma mulher que vive em um país que possui maior acesso à educação, possuem necessidades informacionais completamente diferentes e não só essas necessidades se divergem como também todo o processo de seu comportamento frente a informação.

3.2 Comportamento Informacional

Segundo Gasque e Costa (2010), em 1948 a Conferência sobre Informação Científica da Sociedade Real, no Reino Unido e em 1958, a Conferência Internacional de Informação Científica, em Washington nos Estados Unidos marcaram um importante ponto no comportamento informacional. Os estudos realizados a partir destas datas passaram a deixar em foco a importância das necessidades dos usuários, uma vez que muitos estudos possuíam o foco mais no sistema do que o foco orientado ao usuário. As autoras argumentam que entre os anos de 1950 e 1960, os estudos de usuários tinham como natureza uma abordagem mais generalista que permitiu que fossem desenhados sistemas de informação baseados na maioria das necessidades dos usuários, no entanto, os resultados muitas das vezes eram contraditórios e por isso, já a partir de 1960 os estudos focados nessas abordagens passaram a diminuir.

Até 1980, os estudos centrados nos sistemas de informação e sua eficiência foram desenvolvidos e, a partir desta década, os estudos passaram a perceber o usuário na perspectiva ainda maior como foco. Martínez-Silveira e Oddone (2007) argumentam que desde os primeiros anos do século XXI, um novo paradigma focado na perspectiva socializante, vem se firmando, ao ponto que hoje os usuários dos sistemas possuem um papel central nas preocupações contemporâneas da ciência da informação.

A partir do final da década de 1990, as publicações de Wilson marcaram o início da discussão sobre a necessidade de se adequar o termo ‘comportamento informacional’.

Conforme Gasque e Costa (2010) na primeira década de 2000 o termo ‘comportamento informacional’ passou a ser utilizado para se referir aos estudos de necessidade, busca e uso da informação, sendo o termo fixado também na ciência da Informação. Os estudos contemporâneos, compreendidos como os estudos a partir de 2000, contribuíram para que os autores identificassem três abordagens: a cognitiva, voltada para o comportamento do indivíduo a partir de seu conhecimento, de suas crenças e de suas percepções sobre o mundo; a social, baseada nos significados e valores que cada indivíduo atribui aos diversos contextos; a multifacetada que engloba múltiplas opiniões para a compreensão do comportamento informacional. (GASQUE; COSTA, 2010)

Para se entender o comportamento informacional, é preciso compreender que este possui relação com o comportamento humano. Segundo Wilson (2000), o comportamento informacional é todo esse comportamento humano em relação às fontes e canais da informação, incluindo desde a busca ativa e passiva da informação, até o uso da mesma. Deste modo, Wilson (2000) propõe quatro definições nas quais englobam o processo que caracterizam o comportamento informacional:

- Comportamento informacional: Caracteriza-se pela totalidade do comportamento humano em relação às fontes e canais da informação.
- Comportamento de Busca da informação: Trata-se da busca intencional por informações a partir da necessidade de satisfazer algum objetivo.
- Comportamento de pesquisa de informação: É um nível mais específico, ao qual, o pesquisador interage com diversos tipos de sistemas de informação, como, por exemplo, interações no nível humano-computador ou no nível intelectual.
- Comportamento do uso da informação: Compreende-se pela etapa, ao qual, são empregados atos físicos ou mentais a partir da base de conhecimento que o indivíduo detém.

3.2.1 Necessidade de informação

A necessidade de informação provém de uma lacuna, ou seja, de uma ausência de informações. As necessidades variam de acordo com cada indivíduo e também de acordo com o seu propósito no contexto, uma vez que são influenciadas por fatores pessoais. Para Leckie, Pettigrew e Sylvain (1996), as necessidades informacionais são, por exemplo, relacionadas

com os seguintes fatores:

- Demográficos: idade, profissão, especialização, estágio na carreira, localização geográfica
- Relacionadas com o contexto: situação de necessidade específica, premência interna ou externa
- Relacionadas com a frequência: necessidade recorrente ou nova
- Relacionadas com a capacidade de prevê-la: necessidade antecipada ou inesperada
- Relacionadas com a importância: grau de urgência
- Relacionadas com a complexidade: de fácil ou difícil solução

Para Choo (2006), as necessidades informacionais podem ser entendidas como necessidades cognitivas, afetivas ou emocionais. O autor argumenta também que as necessidades informacionais não surgem totalmente formadas, elas na verdade crescem e evoluem com o tempo, de modo que inicialmente o indivíduo pode ter uma preocupação ou sentir uma inadequação em seu conhecimento. É justamente nessa fase que pode-se embarcar ou não em uma coleta de informações sobre aquela questão. Deste modo, o autor defende que para que as necessidades informacionais se desenvolvam e se formalizem, é necessário o processo de sensação inicial de dúvida, incerteza ou inquietude, fazendo com o que o indivíduo defina uma opinião e posteriormente tenha a consciência de uma certa “falta” de algo que não está completo e a partir daí tenha a motivação de realizar a busca. É importante salientar que compreende-se que nem sempre a percepção de se ter uma necessidade de informação vai levar o indivíduo à busca.

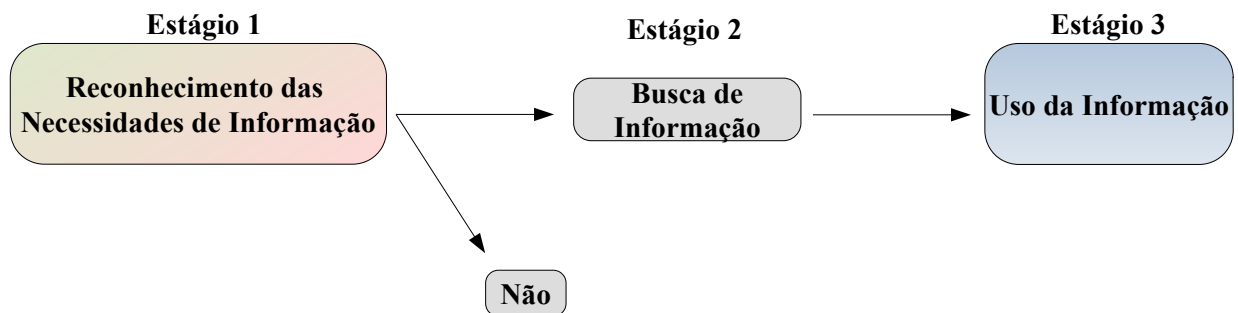
Conforme Martínez-Silveira e Oddone (2007) as necessidades informacionais geralmente se originam de situações relacionadas com às atividades profissionais que cada indivíduo empenha e são influenciadas por fatores pessoais. As autoras argumentam também que quando as características das necessidades informacionais são analisadas por grupos de usuários, observando as particularidades e o contexto de cada grupo, pode-se chegar a um determinado padrão.

3.2.2 Busca de informação

Conforme Martínez-Oddone (2007), a busca informacional trata-se da tentativa intencional de encontrar a informação, a partir da necessidade informacional de satisfazer um propósito/objetivo.

Para Choo (2006), a busca de informação é o processo pelo qual o indivíduo procura informações que possam alterar seu estado de conhecimento. Para ele, é durante esse processo que alguns comportamentos típicos são realizados, como selecionar as fontes de dados, articular uma pergunta, extrair a informação, fazer uma avaliação dessa informação, e então decidir se estende a busca, modifica ou a repete. O autor compreende que conceitualmente a busca de informação acontece em três estágios conforme a Figura 1.

Figura 1: Três estágios do processo da Busca



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Choo (2006)

A figura apresenta a concepção na maneira conceitual do processo. Na prática Choo (2006) defende que esses estágios tendem a desdobrar-se e entrelaçar-se de maneira que cada atividade se configura como um microcosmos para uma ou mais atividades.

Kuhlthau (1993) conclui que a busca da informação é uma atividade realizada por indivíduos que possuem como objetivo dar sentido a uma informação, de forma que seu estado de conhecimento possa ser ampliado. O processo de busca de informação proposto pela autora pode ser definido da seguinte forma:

1. Iniciação – Sentimento de incerteza e intranquilidade. O indivíduo percebe que existe uma falta/lacuna e considera possíveis tópicos

2. Seleção – Sentimentos de ansiedade e antecipação. O indivíduo guia-se pelos interesses pessoais
3. Exploração – Sentimento de incerteza e inquietude aumentam. O processo que se iniciou mais generalista, passa a ser definido por um ponto mais focado.
4. Formulação – Sentimentos de incerteza e inquietude passam a diminuir, gerando maior confiança e otimismo de que a tarefa vai ser completada. O indivíduo usa o critério de interesses pessoais, tempo, identificações com as ideais.
5. Coleta – Sentimento de confiança, gerado pela interação do indivíduo com os sistemas de informação e a realização efetiva da coleta. Neste momento a confiança da realização de uma parte do trabalho é sentida e o interesse passa a aumentar.
6. Apresentação – Sentimento de alívio, caso a informação tenha sido satisfatória ou decepção no caso de as informações encontradas não tenham satisfeito as necessidades informacionais deste indivíduo.

3.2.3 *Uso da Informação*

Choo (2006) compreende que o uso da informação é a seleção de mensagens relevantes no espaço mais amplo da informação, corroborando para que o estado de conhecimento do indivíduo ou até mesmo a sua capacidade de agir sofram mudanças. Choo (2006) afirma que:

O uso da informação ocorre quando o indivíduo seleciona e processa informações ou mensagens que produzem uma mudança em sua capacidade de vivenciar e agir ou reagir à luz desses novos conhecimentos. A busca e o uso da informação fazem parte da atividade social e humana por meio da qual a informação torna-se útil para um indivíduo ou grupo. A maneira como o processo de busca e uso da informação se desenvolve depende das condições mutáveis do contexto em que a informação é utilizada pelo indivíduo, o que, por sua vez, depende das mudanças induzidas no contexto pelas ações do indivíduo. (CHOO, 2006, p.118)

Taylor (1986) propõe oito classes de usos da informação. Conforme o autor, essas classificações não são mutuamente excludentes e a informação utilizada em uma classe pode atender às necessidades de outras classes:

1. Esclarecimento: Informação é utilizada para criar um contexto ou dar significado a uma situação

2. Compreensão: A informação é usada de uma maneira mais específica
3. Instrumental: A informação é usada para que o indivíduo saiba o que fazer dada certas condições
4. Factual: A informação é usada para determinar os fatos de um fenômeno ou acontecimento
5. Confirmativa: A informação é usada para verificar outra informação
6. Projetiva: A informação é usada para prever algo que possa vir a acontecer no futuro
7. Motivacional: A informação é usada para iniciar ou manter o envolvimento de um indivíduo, visando um determinado curso de ação
8. Pessoal ou política: A informação é usada para criar relacionamentos, promover melhoria de reputação ou status, ou também a satisfação pessoal

Choo (2006) argumenta que existe um risco de ao simplificar muito esse uso, pode haver a tendência de enxergar o usuário da informação como alguém que sempre extrai informações específicas e definidas, quando na verdade as pessoas oscilam entre “extrair” e “explorar” em um processo complexo.

3.2.4 Modelos Teóricos de Comportamento Informacional

Os Modelos Teóricos de Comportamento Informacional aqui apresentados se relacionam com os citados na literatura pesquisada. Por este motivo, faz-se necessário a definição conceitual deles.

Conforme Martínez-Silveira e Oddone (2007), o Modelo de Comportamento Informacional de Wilson (1981), ilustrado na Figura 2, foi concebido inspirado nas necessidades fisiológicas, cognitivas e afetivas de indivíduos. Ainda segundo as autoras, o contexto dessas necessidades seria configurado pelo próprio indivíduo, além de pelas demandas de seu papel na sociedade e também pelo meio ambiente que sua vida e seu trabalho se desenrola.

Figura 2: Modelo de Comportamento Informacional de Wilson (1981)

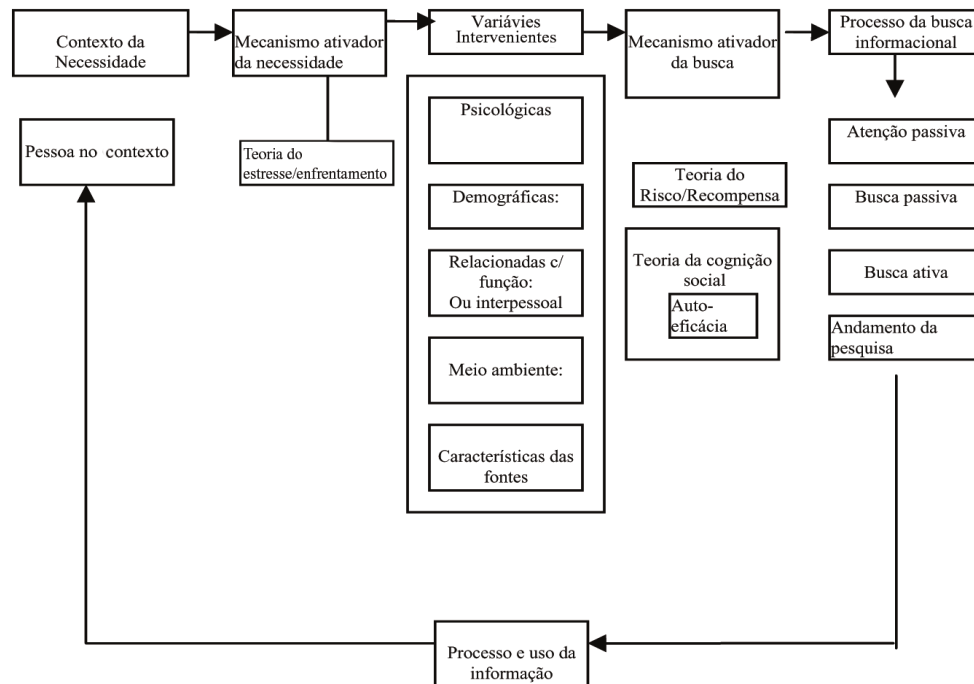


Fonte: Martínez-Silveira e Oddone (2007, p.123) baseado em Wilson (1981)

O modelo de Wilson passou por revisão por Wilson e Walsh (1996) e segundo Martínez-Silveira e Oddone (2007) os autores propuseram conexões com outros domínios, como a psicologia, comunicação em saúde e pesquisa para leigos. O modelo revisado pode ser observado na Figura 3. Martínez-Silveira e Oddone (2007) salienta que:

Embora como foco da necessidade informacional seu novo modelo tenha mantido a “pessoa em seu contexto”, houve necessidade de incluir um estágio entre essa pessoa e sua consciência da necessidade de informação: justamente o ponto chamado por Dervin de “lacuna” entre a situação e o uso da informação (1983, apud DERVIN; NILAN,1986). Para preencher este espaço Wilson adotou o conceito de “mecanismo de ativação” (activating mechanism), proveniente da teoria do estresse/enfrentamento (stress/coping theory), que o ajudou a explicar por que algumas necessidades informacionais não se convertem em processos de busca. (MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p.123)

Figura 3: Modelo revisado Comportamento Informacional de Wilson



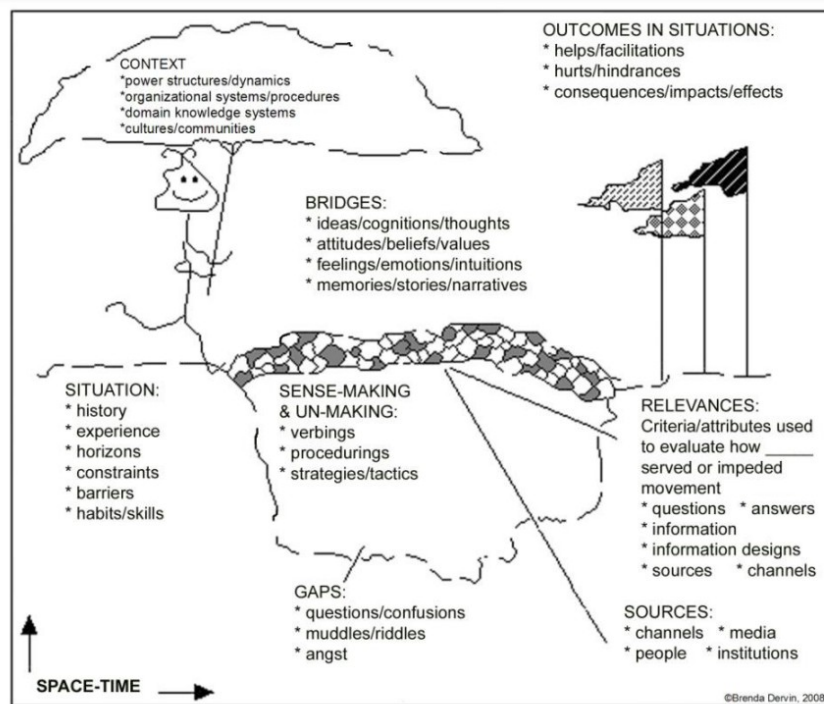
Fonte: Martínez-Silveira; Oddone (2007, p.125) baseado em Wilson e Walsh (1996)

Conforme Martínez-Silveira e Oddone (2007) o modelo *Sense-making* de Brenda Dervin, proposto 1983 é constituído pelos elementos a situação: em tempo e espaço, sendo pois, o contexto no qual surge o problema informacional; a lacuna, que é a distância entre a situação contextual e a situação desejada; o resultado, sendo representado como consequência de todo esse processo. Martínez-Silveira e Oddone compreende que:

Para estudar as necessidades informacionais, Dervin empregou uma metáfora do modelo do sense-making: situação-lacuna-resultado e exemplificou a ponte, que constitui o meio de preencher a lacuna entre a situação e o resultado. A autora argumentou que toda necessidade Troca de informação informacional surge da descontinuidade no conhecimento provocada por uma lacuna. Em sua rotina cotidiana, os indivíduos procuram preencher as lacunas informacionais de várias formas, seja outra pessoa estudando, pesquisando ou conversando com outras pessoas. A satisfação das necessidades informacionais funciona como um acréscimo de degraus na experiência adquirida do indivíduo. Cada momento em determinado tempo e espaço é um novo degrau. Os degraus relacionados à definição e ao fechamento da lacuna configuram estratégias cognitivas necessárias à obtenção de respostas, algo bastante difícil de fazer e que depende do indivíduo e da situação. Neste percurso, o indivíduo precisa de esforço para se perceber, perceber o meio ambiente e ir efetuando os ajustes necessários (MARTÍNEZ-SILVEIRA; ODDONE, 2007, p. 123).

Conforme, Gonçalves (2012) *Sense-making* é uma metodologia para a prática comunicacional, com o objetivo de fornecer orientações gerais para garantir que o diálogo seja incentivado em todos os aspectos. Metodologia conforme Figura 4 a seguir:

Figura 4: Metodologia Sense-making



Fonte: Dervin (2005)

Segundo Eisenberg e Dirks (2008) o modelo de Taylor conhecido como *Value-Added*, ou Valor Agregado em português, baseia-se na criação de um processo capaz de transformar dados sem nenhum significado em uma informação útil. O intuito do modelo é identificar quais são as necessidades e motivações do usuário bem como o papel dos sistemas no atendimento (ou não) dessas necessidades. Na Figura 5, a seguir, compreende-se o modelo.

Figura 5: Modelo Valor Agregado de Taylor

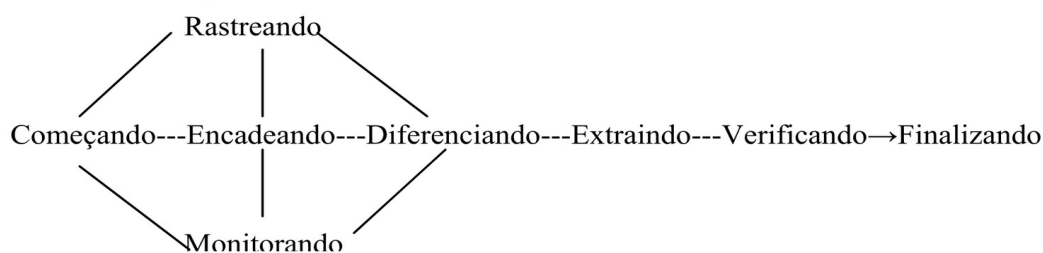
<u>USER CRITERIA OF CHOICE</u>	<u>INTERFACE (Values Added)</u>	<u>SYSTEM (Value-added Processes)</u>
Ease of Use	Browsing Formatting Interfacing I (Mediation) Interfacing II (Orientation) Ordering Physical Accessibility	Alphabetizing Highlighting important terms
Noise Reduction	Access I (Item identification) Access II (Subject description) Access III (Subject summary) Linkage Precision Selectivity	Indexing Vocabulary control Filtering
Quality	Accuracy Comprehensiveness Currency Reliability Validity	Quality control Editing Updating Analyzing and comparing data
Adaptability	Closeness to problem Flexibility Simplicity Stimulatory	Provision of data manipulation capabilities Ranking output for relevance
Time-Saving	Response Speed	Reduction of processing time
Cost-Saving	Cost-saving	Lower connect-time price

Fonte: EISENBERG; DIRKS (2008) conforme TAYLOR (1986)

De acordo com Martínez-Silveira e Oddone (2007), o modelo de Ellis não apresenta um diagrama (figura 6), que ainda hoje serve como apoio a programas de navegadores de internet. O modelo que assim como o processo de Kuhthau (1993) possui uma série de categorias de atividades de busca:

- Começar: Atividades de início da busca
- Encadear: Prosseguir com a busca
- *Browsing*: Busca semidirigida em locais potenciais de busca
- Diferenciar: Filtrar e selecionar
- Monitorar: Continuar revendo as fontes identificadas como essenciais
- Extrair: Trabalhar sistematicamente com as fontes que geraram interesses
- Verificar: Conferir se as informações são verídicas
- Finalizar: Encerrar o processo

Figura 6: Fases do comportamento na busca informacional de Ellis

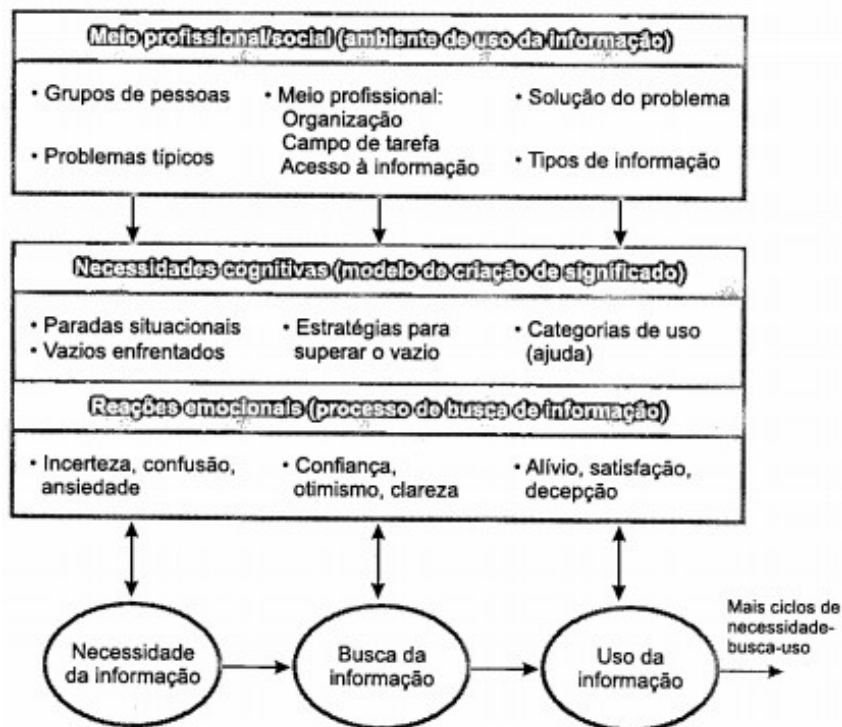


Fonte: Wilson (1999)

O modelo de uso da informação (figura 7) proposto por Choo (2003) destaca três importantes propriedades da busca e do uso da informação: primeiro o uso da informação é construído, de modo que cognitivamente, o indivíduo constitui uma situação problemática, especificando limites, meios, fatos, etc; em segundo lugar, o uso da informação é o situacional, ou seja, o meio social ou profissional que o indivíduo pertence, o ambiente em que vive ou trabalha e a maneira com que resolve os problemas, estabelecem um contexto para que se use a informação. Em terceiro lugar, o uso da informação é dinâmico no primeiro sentido a necessidade, a busca e o uso da informação ocorrem em ciclos recorrentes e no outro sentido o processo de busca e uso da informação interage com os elementos cognitivos, emocionais e situacionais do ambiente. Choo (2006) salienta que em seu modelo:

As necessidades de informação podem ser analisadas sob três elementos: cognitivos, emocionais e situacionais. Nesse sentido, as necessidades de informação são “filtradas” pelos níveis de consciência dos indivíduos, e assim, podem começar com uma vaga sensação de inquietude ou incompreensão. As necessidades são “clarificadas” à medida que os indivíduos vão conversando com outros indivíduos, observam, refletem etc. Posteriormente, de forma progressiva, o indivíduo será capaz de expressar as suas necessidades. Quando o indivíduo for capaz de expressar suas necessidades de informação ocorrerá a busca. A busca torna-se importante depois que o indivíduo desenvolveu compreensão suficiente para entender suas necessidades e formulá-las como perguntas ou tópicos que possam de alguma forma, guiar o processo de busca. Nesse contexto, a busca se concentra no comportamento que os indivíduos empregam enquanto buscam ativamente por informações. O último estágio do modelo é o uso da informação. Durante esse estágio, o indivíduo atua sobre a informação selecionada com o objetivo de responder questionamentos, solucionar problemas, tomar decisões, dar sentido a situações etc (CHOO, 2006, p. 56 e 57).

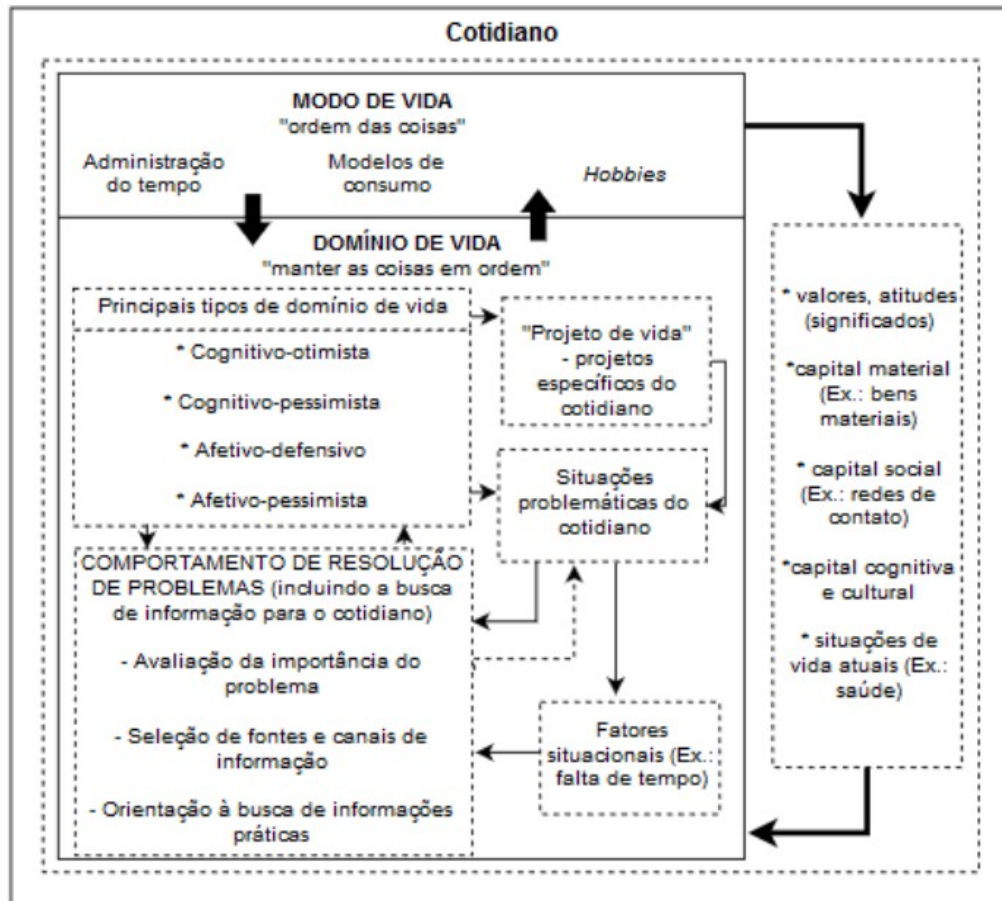
Figura 7: Modelo de uso da informação de Choo



Fonte: Choo (2006)

O Modelo ELIS (*Everyday Life Information Seeking*) ou Busca de informação na vida cotidiana (figura 8), em português, criado por Savolainen (1995) enfatiza as questões relativas ao contexto *nonwork*, ou seja, fora do ambiente de trabalho. Conforme Rocha, Duarte e Paula (2017) Savolainen (1995) desenvolveu seu modelo objetivando a representação do comportamento das pessoas nas suas atividades cotidianas, uma vez que as pessoas sentem necessidade de obter informações e necessitam delas para que possam solucionar problemas do seu cotidiano. Ainda conforme o autor o modelo parte de dois conceitos principais: o primeiro o modo de vida (*way of life*) e o segundo o domínio da vida (*mastery of life*). O modo de vida é o elemento, por meio do qual são tratados os fatores sociais e culturais, enquanto o domínio da vida consiste na preparação para resolver os problemas cotidianos, de acordo com os próprios valores do indivíduo (SAVOLAINEN, 1995).

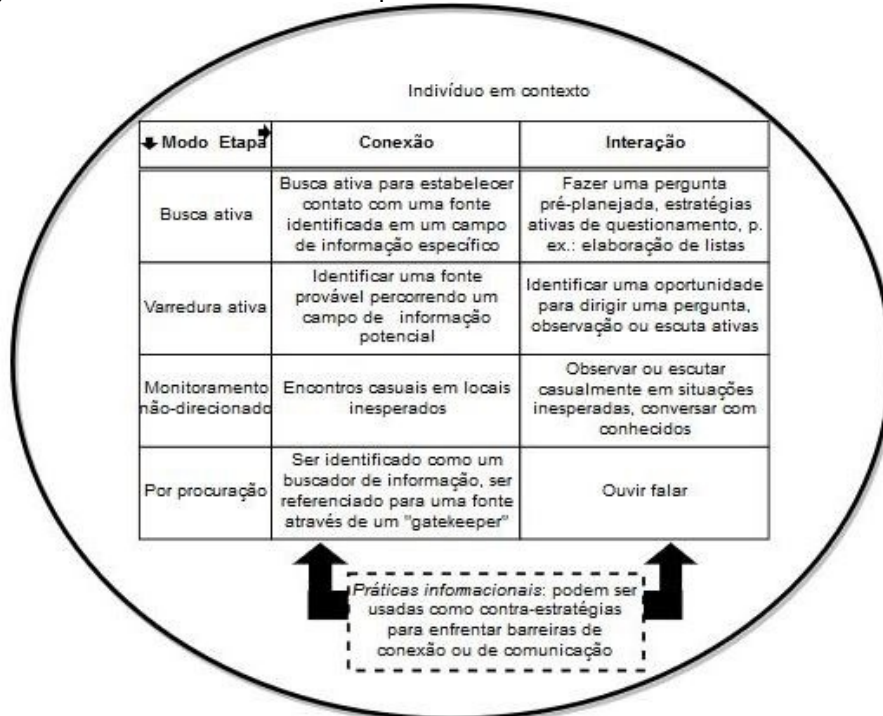
Figura 8: Modelo de busca de informação na vida cotidiana



Fonte: Rocha; Duarte e Paula (2017) Adaptado de Savolainen (1995)

O Modelo Bidimensional de Práticas Informacionais de McKenzie (2003) investigou as necessidades informacionais de mulheres grávidas de gêmeos e as fontes de informação usadas por elas. Para este modelo (figura 9) a autora considerou o conceito de vida cotidiana de Savolainen (1995) e relacionou com o contexto de vida das grávidas participantes da pesquisa. O modelo McKenzie (2003) considerou quatro modos de busca da informação: (1) Busca ativa (*active seeking*); (2) varredura ativa (*active scanning*); (3) monitoramento não dirigido (*non-directed monitoring*) e (4) por procuração (*by proxy*). O modelo também engloba as etapas de busca conexão (*connecting*) e interação (*interacting*) (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017)

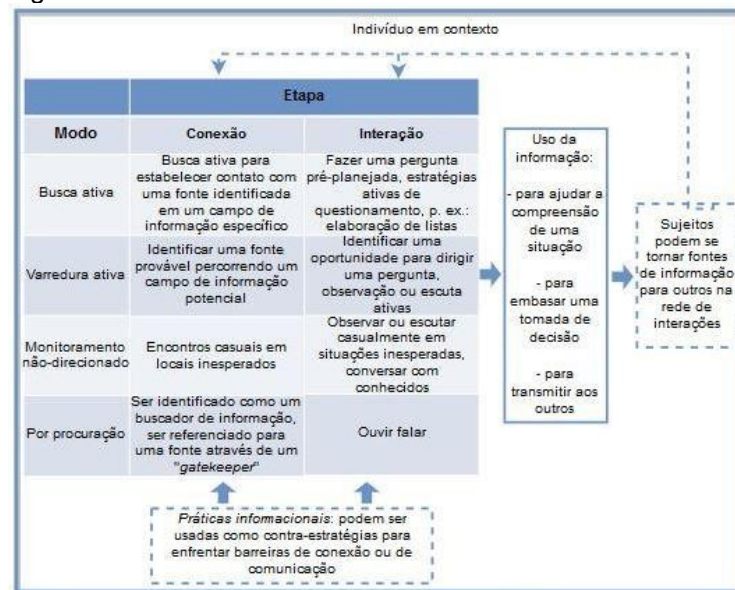
Figura 9: Modelo bidimensional de práticas informacionais



Fonte: Rocha, Duarte e Paula (2017) adaptado de McKenzie (2003)

A partir do modelo Bidimensional de práticas informacionais, Yeoman (2010) propôs uma versão estendida do mesmo. A pesquisadora percebeu que seria possível incluir o modelo de McKenzie em outros contextos devido a característica de ser um modelo versátil e adaptável. Conforme Rocha, Duarte e Paula (2017), a autora deu destaque também ao uso, pois considerou essa a principal limitação do modelo de McKenzie. Sendo assim, Yeoman criou uma dimensão relativa ao uso da informação e outra alteração realizada foi o reconhecimento de que nem todas as barreiras podem ser superadas com sucesso (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017). A partir das conclusões da autora, Yeoman concebeu o modelo estendido conforme Figura 10, a seguir.

Figura 10: Versão estendida do modelo de McKenzie



Fonte: Rocha, Duarte e Paula (2017) adaptado de Yeoman (2010)

O modelo *person-in-progressive-situations* ou *pessoa-em-situações-progressivas* foi proposto por Dunne (2002) a partir do modelo "*person-in-situation*" ou *pessoa-em-situação* proposto por Allen (1996). O modelo de Allen (1996) examinou as variáveis que influenciam a forma como as pessoas experienciam as necessidades de informação, de modo que a situação que um indivíduo enfrenta, além das características do indivíduo também tem grande efeito em sua busca de informação. A autora afirma que o contexto é definido não só pelos fatores pessoais e situacionais, mas também por respostas pessoais. Dunne (2002) afirma que:

Allen desenvolveu o modelo "person-in-situation" para estudar o comportamento da informação, que considera a interação entre restrições pessoais, como o conhecimento existente de estruturas e restrições situacionais, ou as restrições associadas à natureza do problema. Essas restrições restringem o acesso do indivíduo à informação e, portanto, as alternativas disponíveis para o indivíduo tomar decisões em resposta ao problema (DUNNE, 2002, p.343-355).

O modelo modificado por Dunne (2002) trouxe à luz a situação das mulheres que sofrem agressão por seus companheiros. A autora explica que essa mulher é vista diante de uma série de situações ao longo de suas experiências com o espancamento, de modo que a cada situação muda conforme o abuso aumenta: mais informações são obtidas, mais aspectos do problema surgem e mais barreiras aparecem. Dunne (2002) salienta que a abordagem deste modelo se adequa melhor com a situação e o comportamento completo de busca de informações por parte das mulheres agredidas. A autora portanto, aplica o modelo de Allen (1996) a cada nova situação que a mulher agredida enfrenta, ao passo que conforme o abuso

umenta a busca por informações também evolue ao longo do tempo.

3.2.5 Do Usuário da Informação ao Sujeito Informacional

Conforme Araújo (2021) o sujeito informacional pode ser conceituado como um “sujeito sociocognitivo ativo que recebe, gera e socializa informações constituindo-se, desta forma, em gerador, receptor e disseminador de informação ao mesmo tempo.” Neste sentido este sujeito sociocognitivo age sob sua realidade reinterpretando-a de forma crítica, gerando possibilidades de transformações de diferentes naturezas. Neste item apresenta-se algumas reflexões sobre o sujeito informacional a partir de uma visão processual onde o usuário da informação é considerado como um ponto inicial e o sujeito informacional seria o estágio mais avançado deste processo.

Conforme Choo (2006), os estudos de usuários da informação ou sobre como as pessoas se comportam quando buscam e usam a informação tem uma longa história, que remonta ao ano de 1948. Neste ano realizou-se a Conferência sobre Informação Científica da Royal Society e neste evento foram apresentados dois estudos acerca do comportamento de busca da informação de duzentos cientistas britânicos e outro estudo sobre o uso da biblioteca do Museu de Ciência de Londres. Segundo Choo (2006),

“Ao longo de meio século de história, é possível contar milhares de estudos que investigaram as necessidades e os usos da informação em determinados grupos de pessoas. Um amplo espectro de usuários da informação foi pesquisado, o que incluiu cientistas, engenheiros, cidadãos de uma comunidade, grupos de interesse, médicos, pacientes, pessoas com preocupações de saúde, executivos, administradores, pequenos empresários, funcionários do governo, advogados, acadêmicos, estudantes, usuários de bibliotecas etc.”(CHOO, 2006, p.67).

O que se pode concluir de décadas de pesquisa sobre a busca e uso da informação? O que se pode dizer sobre o usuário da informação? Objetivando responder a estas indagações Choo (2006) afirma que, em termos da construção teórica gerada por estes estudos podem ser destacadas algumas considerações:

“1)As necessidades e os usos da informação devem ser examinados dentro do contexto profissional, organizacional e social dos usuários. As necessidades de informação variam de acordo com a profissão ou o grupo social do usuário, suas origens demográficas e os requisitos específicos da tarefa que ele está realizando;

2) Os usuários obtêm informações de muitas diferentes fontes (formais e informais). As fontes informais inclusive colegas e contatos pessoais são quase sempre tão ou mais importantes que as fontes formais, como bibliotecas ou banco de dados online;

3) Muitos critérios podem influenciar a seleção e o uso das fontes de informação. As pesquisas descobriram que muitos grupos de usuários preferem fontes locais e acessíveis, que não são, necessariamente, as melhores. Para esses usuários, a acessibilidade de uma fonte de informação é mais importante que sua qualidade” (CHOO, 2006, p. 79).

Estudos realizados mais recentemente (última década do século 20), buscaram compreender, de forma mais aprofundada, os comportamentos de busca e uso da informação sob o ponto de vista do usuário. Vale salientar que tais estudos deram origem a uma nova orientação para os estudos sobre usuários da informação. Esta nova orientação se denomina Comportamento Informacional. Sob esta orientação se destacaram os estudos desenvolvidos por Tom Wilson do Departamento de Pesquisa da Informação da Universidade de Sheffield, no Reino Unido. A partir de uma abordagem fenomenológica, este pesquisador considerou que os indivíduos estão constantemente construindo seu mundo social a partir do mundo de aparência que os cerca. Desta forma “as necessidades de informação nascem dessas tentativas de dar sentido ao mundo” (Wilson, 1994). Por outro lado, a busca de informação “quase sempre é incompleta em decorrência dos conflitos entre os significados gerados pelos diferentes sistemas de informação e os sentidos atribuídos a estes significados por parte dos usuários da informação” (Wilson, 1994).

Tendo em mente estas dificuldades Wilson (1994) destaca que os estudos de comportamento informacional podem ser orientados pelos seguintes princípios:

- a) Nossa preocupação é revelar os fatos da vida cotidiana das pessoas que estão sendo investigadas;
- b) Revelando esses fatos, nosso objetivo é entender as necessidades que pressionam o indivíduo para um comportamento de busca de informação;
- c) Entendendo o melhor destas necessidades, podemos compreender melhor qual o significado a informação tem na vida cotidiana das pessoas;
- d) Por tudo que foi dito, devemos ter melhor compreensão do uso da informação e ser capazes de criar sistemas de informação mais eficientes.

Choo (2006) considera que os estudos de comportamento informacional são transdisciplinares, pois se utilizam de diferentes áreas de conhecimentos (psicologia cognitiva,

estudos de comunicação, economia, teoria organizacional, antropologia social). Neste contexto transdisciplinar algumas considerações importantes têm surgido, tais como:

“A informação é fabricada por indivíduos a partir de suas experiências passadas e de acordo com as exigências de determinada situação na qual a informação deve ser usada.(...) Partimos da posição de que o usuário da informação é uma pessoa cognitiva e perceptiva; de que a busca e o uso da informação constituem um processo dinâmico que se estende no tempo e no espaço e de que o contexto em que a informação é usada determina de que maneiras e em que medida ela é útil”. (Choo, 2006).

A partir das considerações, pode-se vislumbrar a evolução dos desenvolvimentos teóricos sobre os usuários da informação que, se iniciam centrados na relação dos usuários com os diferentes sistemas de informação e, a partir dos estudos de comportamento informacional, se direcionam para a compreensão da relação dos usuários com a informação (independente dos sistemas de informação) e da forte influência dos diferentes contextos ou campos sociais na configuração desta relação.

Este terceiro momento evolutivo, nos permite afirmar que o termo “usuário da informação” já não consegue representar com segurança toda a riqueza das relações entre o sujeito social e a informação. Assim, o sujeito social não é apenas um usuário da informação, pois ele pode ser concomitantemente o gerador e o disseminador da informação. Diante desta consideração, pode-se afirmar que o antigo usuário da informação tem se transformado em sujeito informacional, no sentido em que, ele se coloca como um sujeito sociocognitivo ativo que recebe, gera e socializa informações constituindo-se, desta forma, em gerador, receptor e disseminador de informação ao mesmo tempo.

3.3 Barreiras Informacionais: Abordagem conceitual e tipologia

Segundo Araújo (2021), as barreiras informacionais se constituem em dificuldades de variadas naturezas que os sujeitos informacionais enfrentam nos momentos da busca, acesso e uso da informação. Na literatura pertinente do campo da Ciência da Informação, são variadas as tipologias de barreiras informacionais. Assim, apresenta-se, a seguir alguns autores e suas propostas de tipos de barreiras informacionais

Starec (2003, p.56) em sua dissertação de mestrado, intitulada “A questão da informação estratégica no ensino superior: Os pecados informacionais e as barreiras na comunicação da informação para a tomada de decisão na Universidade Estácio de Sá” cita as

barreiras informacionais presentes no ambiente acadêmico estudado. Assim, temos que, as barreiras citadas por este autor são as seguintes:

a) Barreira de má comunicação: “É importante registrar que não acreditamos que exista, na universidade estudada, falta de comunicação e sim má comunicação. Como acreditamos que a comunicação se confunde com a própria vida, o ato de comunicar, que vem do latim *comunicare*, tomar em comum, passa a ser uma necessidade básica do homem e das empresas como regra geral. (...) Um fator importante que deve ser apontado é que a comunicação interna é muito fraca, o que pode ser perigoso para a instituição. Tentativas para aumentar este fluxo de informação têm sido feitas através de comunicados por e-mail, pela implantação da Intranet e por reuniões periódicas com diretores, gerentes, supervisores”.

b) Barreira da Cultura Organizacional: A segunda barreira é a da Cultura Organizacional. Conforme Starec (2003), este ponto parece básico, mas é um dos que apresenta maiores complicações. Se a cultura da organização não respaldar o fluxo informacional proposto, isto é, se não houver acesso e não se estimular à comunicação, o fluxo da informação irá parar nesta barreira organizacional. Conforme Starec (2003) “a barreira da Cultura Organizacional é também a dos paradigmas organizacionais e é uma das mais difíceis de serem transpostas. Ela pode ser facilmente identificada através de chavões como "sempre foi assim" ou "tem que ser assim A porque gestor X quer assim", só que o gestor X não queria nada disso”.

c) Barreira de falta de competência: Conforme Starec (2003), esta barreira é a mais delicada e requer um cuidado especial. “Se não houver comprometimento do pessoal envolvido, poucas são as chances de se atingir os objetivos no gerenciamento estratégico da informação. Não há possibilidade de fluxo Informacional sem as redes interpessoais, interdepartamentais e interdisciplinares. Só tecnologia não basta, é preciso levar em conta, principalmente, o capital humano para fazer frente às exigências deste mundo contemporâneo”. Starec (2003)

d) Barreira de dependência tecnológica: A quarta e última barreira citada por Starec (2003) é a da dependência tecnológica. Conforme este autor, "a logística da organização tem que ser pensada para que a informação possa fluir por todos os setores envolvidos. Assim, é preciso criar uma dinâmica para que as informações circulem livremente pela organização, para que não haja concentração da informação e do conhecimento. As tecnologias de informação e de comunicação surgiram para facilitar, mas, por vezes, o que percebemos é que elas acabam dificultando o dia a dia nas organizações. O valor da tecnologia da informação depende acima de tudo da informação e do papel desempenhado por ela nas organizações. Nosso fascínio

pela tecnologia, de acordo com a crítica de Davenport (1998), nos faz esquecer o objetivo principal da informação: informar”.

Em estudo intitulado “Lugar do lixo é no lixo: Estudo de assimilação da informação”, Tavares e Freire (2003, p. 127), afirmam que “(...) no processo de transferência da informação podem ser identificadas diversas barreiras de comunicação, sendo a primeira delas a da linguagem utilizada pelo emissor”. No âmbito deste estudo destacaram-se as seguintes barreiras:

a) Barreira Ideológica (do usuário): Relaciona-se a visão de mundo desenvolvida pelos usuários da informação, no sentido em que, desenvolvem e estruturam suas ações sociais a partir de compreensões incompletas, enviesadas ou deturpadas. No caso do estudo de Tavares e Freire (2003), destaca-se a visão de mundo deturpada dos sujeitos pesquisados de que os recursos naturais são inesgotáveis e que o espaço público não seria parte do espaço particular de cada um e com esta compreensão básica tais sujeitos não se sentem responsáveis por tais recursos. Conforme Tavares e Freire (2003), é a partir de visões de mundo deste tipo que geramos uma sociedade consumista, que vive a era do descartável que acaba por gerar a crise do descarte de resíduos sólidos e a poluição de tudo em todos os lugares.

b) Barreira de consciência e conhecimento da informação (do profissional da informação): Esta barreira consiste na ausência da ampla e correta compreensão de informações por parte dos usuários da informação que fazem uso e transmitem informações sem necessariamente conhecê-las e acabam por transmitir informações falsas, incompletas ou desatualizadas.

Em estudo de Martins (2011, p. 51), intitulado “Fluxo de informação no processo de produção de material didático na educação a distância EAD”, algumas barreiras informacionais são citadas:

- a) Barreira de experiência prévia: Relaciona-se a informações e conhecimentos já estabelecidos e que ampliam a compreensão do usuário da informação para novas informações.
- b) Barreira de sentido de ameaça: Relaciona-se com as sensações que levam as pessoas a sentirem-se ameaçadas, por exemplo, uma mudança.
- c) Barreira de sentimento de medo e ansiedade: Esta barreira é complexa e de identificação e relaciona-se a dimensões psicoemocionais do usuário da informação.
- d) Barreira de profecias auto-realizáveis: Essa relacionada aos comportamentos próprios

ou de terceiros.

- e) Barreira de distorção da informação nova: Essa barreira está ligada às crenças que influem no entendimento da nova informação acessada.
- f) Barreira de origem da informação: Essa barreira está ligada ao uso de fontes familiares que podem estar desatualizadas.
- g) Barreira de desconhecimento sobre os benefícios da informação: Relaciona-se a dificuldades de aprendizagem por parte do usuário da informação.

Freire (1991) citada por Martins (2011) aponta possíveis barreiras existentes na comunicação indireta que podem ser ocasionadas por mediadores ou canais entre o comunicador original da mensagem e o receptor (usuário final) que transformam os sinais e o sentido da mensagem original, transportando uma "nova" mensagem e assumindo, para o receptor, o papel de comunicador.

Assim, temos que,

“(...) a presença de mediadores no processo de comunicação aumenta a possibilidade de ruídos na transmissão da mensagem, diminuindo a chance de o receptor receber uma mensagem completa. No processo de comunicação indireta, o agente da informação deve agir como comunicador, procurando adequar sua mensagem (forma e conteúdo, apresentação e linguagem) às condições de compreensão do receptor a quem se destina, isto é, aos usuários finais da informação comunicada” (FREIRE, 1991).

Para Curty (2005) citado por Martins (2011), as barreiras são os principais pontos de insuficiência do fluxo informacional, e somente a partir da verificação desses obstáculos será possível obter o indicador mais sintomático para diagnosticar, de fato, quais são os principais pontos de insuficiência do fluxo, ou seja, do processo de transferência da informação de um ponto a outro.

Em artigo intitulado “Informação, sociedade e cidadania: Gestão da Informação no contexto das organizações não governamentais (ONGs) brasileiras”, Araújo (1999, p.3) cita barreiras informacionais vivenciadas por ONGs brasileiras no processo de busca e uso de informação. Assim, são citadas as seguintes barreiras:

- a) Barreira de idioma: Relaciona-se a dificuldades de compreensão de línguas estrangeiras
- b) Barreira de Sobrecarga Informacional: Relaciona-se a dificuldade do usuário da

informação se manter atualizado de forma segura e com qualidade devido ao fluxo constante e rápido de informações que gera imenso acúmulo de novas informações.

- c) Barreira ideológica: Relaciona-se a visão de mundo desenvolvida pelos usuários da informação, no sentido em que, desenvolvem e estruturam suas ações sociais a partir de compreensões incompletas, enviesadas ou deturpadas.
- d) Barreira de eficiência: Relaciona-se a dificuldades, tanto de profissionais, como de usuários da informação, de se estabelecer estratégias efetivas (eficientes e eficazes) em termos da busca e do uso da informação.
- e) Barreira terminológica: Relaciona-se ao uso excessivo de termos técnicos ou do uso de terminologia inconsistente.
- f) Barreira de capacidade de leitura: Relaciona-se a reduzida capacidade do usuário em selecionar e ler todas as informações relevantes para atender suas necessidades.

De acordo com Wersig (1979), conforme citado por Freire (1991) as barreiras na comunicação da informação podem ser classificadas como:

- a) Barreira ideológica: Relaciona-se a diferentes contextos sociais e podem ser ocorrer a partir de dois níveis: (a) entre países com formas diferentes de ordem social, onde diferentes ideologias orientam a vida social; (b) entre grupos sociais em uma mesma sociedade, mas que possuem ideologias diferentes;
- b) Barreira econômica: Relaciona-se ao fato de que o conhecimento tem adquirido valor de propriedade privada para seu produtor e sua publicação e usos dependem do poder ou da negociação do usuário da informação com o produtor da mesma;
- c) Barreira legal: Relaciona-se ao conjunto de restrições estabelecidas ao acesso e uso da informação, especialmente a informação tecnológica (aplicável à produção de bens e serviços) e que recebe proteção do sistema de registro de patentes;
- d) Barreira de tempo: Relaciona-se em dois aspectos da dinâmica do fenômeno informacional: (a) pelo fato de a informação “envelhecer”, tornar-se obsoleta como bem cultural ou de produção, o que obriga o usuário a estar atento à oferta de conhecimento, de modo a encontrar novos dados que complementam seu conjunto de informações; (b) pelo fato de que, frequentemente, muito tempo é gasto entre a produção da informação e sua disseminação por um meio de comunicação eficiente;
- e) Barreira de eficiência: Relaciona-se a reduzida capacidade dos dois sujeitos sociais

envolvidos na transferência de informação: (a) do ponto de vista do agente que transfere a informação (profissional da informação), que pode ser identificada na relação entre esforço para informar e usos/efeitos da informação; (b) do ponto de vista do usuário, na medida dos esforços empreendidos para usar os serviços de informação (custos financeiros, tempo, estratégias de busca e outros esforços);

- f) Barreira financeira: Relaciona-se ao fato de que, enquanto mercadoria, a informação tem um preço relativo aos seus custos e à demanda do mercado;
- g) Barreira terminológica: Relaciona-se ao fato de que nem sempre usuários e profissionais da informação usam o mesmo código de linguagem no processo de recuperação do conhecimento, podendo ocorrer, especialmente na transferência da informação para o setor produtivo, que a terminologia utilizada dificulte a compreensão da mensagem pelos usuários finais;
- h) Barreira de idioma: Relaciona-se ao fato de que a (s) língua (s) utilizada (s) no contexto do registro de informação não é de conhecimento do usuário da informação;
- i) Barreira de capacidade de leitura: Relaciona-se à capacidade de o usuário selecionar o material informativo relevante para atender sua necessidade de informação, podendo ser superada pelo treinamento;
- j) Barreira de consciência e conhecimento da informação: Relaciona-se a compreensão/compromisso do profissional da informação em atender à demanda do usuário da informação apenas com informação conhecida ou ampliar suas fontes no limite da exaustividade;
- k) Barreiras de responsabilidade: Relaciona-se a compreensão/compromisso e da capacidade intelectual do usuário da informação em fazer uso ativo do conhecimento técnico-científico em sua área de atuação social/profissional.

A partir destes autores citados apresenta-se, a seguir, o quadro 1: Barreiras citadas pelos autores consultados, objetivando reunir as mesmas aos seus autores.

Quadro 1: Barreiras citadas pelos autores consultados

BARREIRAS	AUTOR (RES)
Má comunicação	Starec (2003)
Cultura Organizacional	Starec (2003)
Falta de competência	Starec (2003)
Dependência Tecnológica	Starec (2003)
Ideológicas (do usuário)	Wersig (1970) apud Freire (1987) Tavares e Freire (2003)
De consciência e conhecimento da informação (do profissional da informação)	Wersig (1970) apud Freire (1987) Tavares e Freire (2003)
De experiência prévia	Martins (2011)
Sentido de ameaça	Martins (2011)
Sentimento de medo e ansiedade	Martins (2011)
Profecias autorrealizáveis	Martins (2011)
Distorção da informação nova	Martins (2011)
Origem da informação	Martins (2011)
Desconhecimento sobre os benefícios da informação	Martins (2011)
Ideológicas	Wersig (1976) apud Freire (1991) Araújo (1998)
Econômicas	Wersig (1976) apud Freire (1991)
Legais	Wersig (1976) apud Freire (1991)
De tempo	Wersig (1976) apud Freire (1991)
eficiência	Wersig (1976) apud Freire (1991), Araújo (1998)
Financeiras	Wersig (1976) apud Freire (1991)
Terminológicas	Wersig (1976) apud Freire (1991) Araújo (1998)
De idioma	Wersig (1976) apud Freire (1991)
De capacidade de leitura	Wersig (1976) apud Freire (1991) Araújo (1998)

De consciência e conhecimento da informação	Wersig (1976) apud Freire (1991)
De responsabilidade	Wersig (1976) apud Freire (1991)
De idioma	Araújo (1998)
Sobrecarga Informacional	Araújo (1998)

Fonte: Dados de pesquisa (2022).

A partir do Quadro 1, pode-se visualizar de forma reunida o conjunto extenso de barreiras informacionais registrado na literatura consultada da área da Ciência da Informação.

4 METODOLOGIA

Conforme José Carlos Köche (2011) a metodologia deve detalhar os principais procedimentos, técnicas e instrumentos utilizados na coleta de dados de modo que ao ler essa parte da pesquisa, o leitor consiga facilmente identificar e compreender uma visão geral do roteiro utilizado. Neste capítulo apresenta-se a delimitação do campo de pesquisa, classificação da pesquisa, etapas e técnicas da pesquisa (coleta e organização dos dados).

4.1 Delimitação do Campo de Pesquisa

O campo definido como foco para o desenvolvimento desta pesquisa foi a BDTD. É importante salientar que por meio dos primeiros trabalhos selecionados na BDTD por meio dos critérios de inclusão, utilizou-se a técnica *Backward Snowballing* a fim de expandir a análise.

4.1.1 Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD/IBICT

O IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia desenvolveu e coordena a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) criada em 2002. Conforme o seu site oficial esta biblioteca é uma base de dados que integra os sistemas de informações e teses e dissertações defendidas nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil e também por brasileiros no exterior. Por meio da BDTD é possível pesquisar, consultar e baixar as teses e dissertações diretamente em um dispositivo móvel ou desktop. A BDTD possibilita sejam publicadas e difundidas teses e dissertações que foram produzidas tanto no país quanto no exterior, com o intuito de trazer maior visibilidade e alcance à produção nacional. Esta biblioteca digital reúne os diferentes sistemas de informação de dissertações e teses desenvolvidas nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil. Atualmente reúne a produção científica de 123 instituições de ciência e tecnologia brasileiras.

4.2 Classificação da Pesquisa

Esta pesquisa pode ser classificada como uma revisão sistemática de literatura. Conforme Brandelli Costa e Zoltowski (2014) este tipo de revisão de literatura é um método que permite que sejam encontrados o maior número possível de resultados em relação a

determinada literatura de uma maneira organizada, não somente em relação cronológica ou uma exposição linear e descritiva do assunto focado, mas também efetivar uma construção crítica, reflexiva e que gere compreensão a respeito do conjunto de dados e informações analisado.

4.3 Etapas e Técnicas

Nas Etapas e Técnicas são discutidos como a pesquisa foi estruturada e quais as técnicas utilizadas desde a coleta dos dados até a organização dos mesmos para adiante serem analisados.

4.3.1 Coleta de Dados

Conforme Brandelli Costa e Zoltowski (2014) as três primeiras etapas básicas, das oito propostas por eles, para a construção do trabalho de Revisão Sistemática da Literatura são a delimitação da questão a ser pesquisada, a escolha das fontes de dados e eleição das palavras-chave para a busca;. Como explicitado na introdução, a pergunta que norteia essa pesquisa é: Como se caracterizam as pesquisas brasileiras sobre o comportamento informacional de mulheres? Deste modo, definindo a BDTD como campo de pesquisa, devido a sua importância como base de dados e seu foco na produção nacional e produção por brasileiros no exterior, foram eleitas as palavras chave para a busca, que estão apresentadas no Quadro 2, a seguir.

A primeira busca foi realizada no dia 23 de janeiro de 2022 e foi uma busca teste com o intuito de aprimorar e definir as melhores strings de busca. Após a definição das palavras-chave foi realizada uma nova busca na BDTD no dia 31.01. Conforme apresentado no quadro abaixo é possível verificar quais palavras-chaves foram utilizadas e quantos resultados foram retornados na base de dados conforme a busca:

Quadro 2: Palavras-Chave para Busca

(mulheres OR mulher OR feminino) AND (“necessidade de informação”) - 9 resultados
(mulheres OR mulher OR feminino) AND (“busca de informação”) – 26 resultados
(mulheres OR mulher OR feminino) AND (“busca de informação”) – 17 resultados

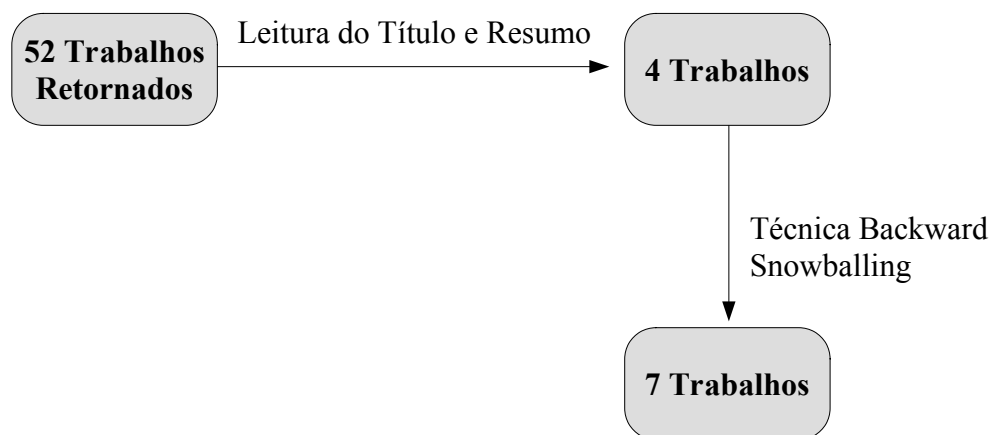
Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao todo foram retornados 52 resultados na busca realizada na base de dados. Seguindo as demais etapas da pesquisa estruturadas por Brandelli Costa e Zoltowski (2014) o item quatro busca e armazenamento dos resultados, deve-se realizar a seleção de artigos pelo resumo, de acordo com critérios de inclusão e exclusão. A fim de garantir a relação de cada etapa de execução da pesquisa com o objetivos que norteiam o trabalho, foram definidos os seguintes critérios de exclusão:

1. Pesquisas que não contemplem 100% dos sujeitos informacionais pesquisados sendo mulheres
2. Pesquisas que não tinham o foco no comportamento informacional de mulheres

Por meio da leitura dos títulos do trabalho e dos resumos a amostra diminuiu de 52 para 4 dissertações que atendem os critérios da pesquisa, sendo focados especificamente em pelo menos uma das etapas que contemplam o comportamento informacional. A fim de ampliar a amostra de estudos selecionados foi realizada a técnica de Snowballing backward para selecionar novas pesquisas pertinentes à temática. De acordo com Wohlin (2014) a técnica se caracteriza pela coleta e análise das referências citadas nos estudos primários. Os estudos selecionados na busca direta na BDTD são os estudos primários que após análise de suas referências chegou-se ao resultado de três estudos secundários, sendo eles duas pesquisas em português e uma pesquisa em inglês que atenderam os critérios definidos para esta pesquisa. Na Figura 11, a seguir, é possível compreender de maneira sucinta o processo.

Figura 11: Fluxograma da Busca Bibliográfica em Janeiro de 2022



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Com o total de 7 trabalhos selecionados, sendo 4 dissertações extraídas da BDTD e 3 artigos extraídos pelas referências realizou-se a leitura na íntegra dos mesmos, focando em identificar em cada um deles os três pontos definidos nos objetivos específicos desta pesquisa:

- Quem são os sujeitos informacionais?
- Quais os modelos teóricos sobre comportamento informacional utilizados?
- Quais as barreiras/dificuldades enfrentadas pelos sujeitos informações?

Foi realizado um fichamento das partes das pesquisadas avaliadas que correspondem ao foco da análise.

4.3.2 Organização dos dados

Os dados coletados por meio do fichamento foram inicialmente organizados em uma tabela de extração de dados no *Google Sheets*, em ordem cronológica, mantendo em evidência também a página referente a cada um dos pontos avaliados nas pesquisas. Nesta tabela foram colocados também os links de acesso. A tabela na versão completa está disponível no Apêndice A. Posteriormente a tabela de fichamento, foram divididos os dados em quadros por ponto pesquisado, conforme explicitado nos objetivos desta pesquisa. Estes quadros estão na Seção 5 – Análise e Interpretação dos dados.

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

5.1 Sujeitos Informacionais Pesquisados

O sujeito informacional pode ser compreendido como aquele que se constitui ao ter uma posição no espaço sócio-informacional concreto, perante a reflexão, análise e atuação na estrutura social. Desta forma ele é um agente de informação que atua a partir de um sentimento de comunidade e do reconhecimento do outro. (RENDÓN-ROJAS; GARCÍA CERVANTES, 2012)

A partir desta conceituação foram coletados os dados objetivando os sujeitos informacionais dos textos/pesquisas selecionados. Estes dados permitiram a visualização de uma ampla configuração de sujeitos. A princípio a visão inicial que se tem é que os estudos analisam mulheres e seus contextos de vida e suas relações com necessidade, busca e uso da informação.

De forma específica se destacam os seguintes sujeitos informacionais: mulheres que sofrem violências; professoras da rede pública; leitoras de jornal; mulheres grávidas presas; mulheres transgêneras; mulheres com filhos/filhas com microcefalia e mulheres negras.

Em um segundo momento de análise, pôde-se destacar as diferentes situações/configurações nas quais as mulheres pesquisadas se encontram. Assim temos a mulher em situação de violência; a mulher como profissional da educação; a mulher como leitora; a mulher trans e a questão de identidade de gênero; a mulher e a maternidade, a mulher negra e a militância.

A mulher em situação de violência é analisada a partir de Dunne (2002). O estudo não especifica um perfil de mulher agredida, em dados demográficos ou posições sociais e econômicas, mas traz à luz a percepção do sentimento que a mulher agredida enfrenta no contexto que está vivendo. A autora compreende que a mulher em situação de violência doméstica experimenta sentimentos de responsabilidade, privacidade, vergonha, medo e ainda, se sentem culpadas, além de terem medo de seus parceiros descobrirem que haviam falado com alguém sobre alguém sobre as agressões e isso repercutir em mais violência. Muitas das mulheres temem não só por si, mas também por seus amigos e familiares que possam ajudar, fazendo com que a maioria delas não procure ajuda. Assim, Dunne (2002) salienta, que

Declarações como “Eu não gosto de sobrecarregar outras pessoas com meus problemas” (p.100) eram explicações comuns que as mulheres davam para hesitar em procurar ajuda de familiares e amigos. Esta afirmação revela um sentimento de independência que é nascido da vergonha e do desejo resultante de manter o problema privado, combinado com a culpa sobre “sobrecarregar outras pessoas”. Mulheres cujas famílias já estavam lidando com outros problemas, como envelhecimento, doença ou dificuldades financeiras, muitas vezes se sentiam ainda mais relutantes em sobrecarregá-las com seus problemas, e assim mantiveram o esparçamento para si mesmos (DUNNE, 2002, p. 348).

A mulher como profissional da educação é evidenciada no estudo de Nascimento (2003). A autora constatou que 100% das mulheres pesquisadas possuem nível superior, sendo que 94,3% possui apenas graduação. 72,9% das entrevistadas possuem conhecimento de um mais idiomas estrangeiros e possuem entre 10 e 19 anos de experiência profissional, em sua maioria, enquanto algumas têm entre 1 e nove anos e as demais entre 20 e 31 anos. No que tange à remuneração, mesmo com a maioria das entrevistadas possuindo consolidada atuação profissional, o baixo salário faz com que a maior parte delas precisem realizar atividades em outros ramos para complementar a renda, conforme apresentado pela autora:

A maioria das entrevistadas, 70%, não considera justo o salário de professora, 22,9% consideram mais ou menos e 7,1% o acham justo. Entretanto, apenas 4,3% afirmaram que sua renda familiar é compatível com suas necessidades. As demais, para complementar a renda exercem outras atividades em diversos ramos como eletrotécnica, enfermagem, no setor de vendas de doces, cosméticos etc. A maioria além de considerar o salário injusto, se sentem desvalorizadas profissionalmente. Apesar de preparadas e experientes, as entrevistadas, em geral, não são bem remuneradas. No caso, a insatisfação salarial é resultante mais da discriminação da categoria do que do sexo. (NASCIMENTO, 2003, p.134).

As mulheres leitoras caracterizadas na pesquisa de Santo e Dumont (2007), possuem níveis de escolaridade diferentes, sendo que, mais da metade possui ensino superior completo, 55,8%, 25,6% têm segundo grau, 10,5% têm superior incompleto e 4,7% têm ensino fundamental. A maioria dessas mulheres está trabalhando, cerca de 55,1%, como principais ocupações citadas foram funcionária pública 37,4% ou assalariadas por carteira assinada 28,3%. As que não trabalham fora, 60% já exerceram alguma atividade remunerada, estando aposentadas. 24,3% são donas de casa. Sobre a relação com a leitura do jornal Santo e Dumont (2007) salientam que,

Elas fazem da profissionalização uma variável importante para se inserirem como público leitor dos jornais. As que trabalham são as que lêem jornal com mais frequência, diariamente, 37,9% delas. 26,6% das que não trabalham também lêem jornal todos os dias. Não podemos nos esquecer de

que, entre as leitoras que não trabalham, 60% encontram-se aposentadas, ou seja, já trabalharam um dia. São as funcionárias públicas as que lêem o jornal com maior frequência: 24,5% delas o faz todos os dias, seguidas das assalariadas com carteira assinada, 22,3%. As outras categorias, assalariadas sem carteira assinada, as que pagam INSS por conta própria, assim como as autônomas, as empregadoras e auxiliares de família lêem jornal com frequência bem menor: 9,6% de todas elas lêem quatro vezes por semana, 8,5%, duas vezes e 7,4%, três vezes por semana. (DUMONT; SANTO, 2007, p.5 e 6, tradução da autora).

A mulher trans e a questão de identidade de gênero é identificada a partir do perfil de mulheres transgêneras entrevistadas por Pinto (2018). Devido à escassez de divulgação de informações sobre os temas relacionados à transgeneridade, gênero e sexualidade, todas as mulheres trans enfrentaram inicialmente uma confusão, estranheza e sensação de estarem perdidas. Uma das principais confusões era a de se entender pela percepção de identidade de gênero e identificar que não se tratava de orientação sexual. As entrevistadas em sua maioria são estudantes universitárias e algumas receberam o apoio de amigos e familiares, enquanto uma delas perdeu o contato com o pai após comunicar a família sobre o seu processo de transição. O autor argumenta que em determinado momento da vida, as mulheres transgêneras percebem que há uma disforia entre o gênero ao qual elas foram designadas durante a gestão e o nascimento em relação a como se percebem. A seguir o autor apresenta a fala de uma das entrevistadas:

Eu encontrei alguns sites sobre a comunidade LGBT e a partir disso fui pesquisando. Inicialmente os sites me direcionaram ao que era travesti, que era algo próximo do que eu sentia, mas ainda não era... Porque eram pessoas que se montavam e eu tinha a necessidade de "ser" o tempo todo. Aí eu encontrei artigos, vídeos e documentários que falavam sobre transexualidade. Eu estava numa Lan house pesquisando sozinha, porque os meus pais não sabiam e eu tinha muito medo, o medo que todo mundo passa. Quando eu comecei a pesquisar sobre pessoas trans, eu assisti a documentários que não me fizeram sentir bem porque eram relatos de pessoas que tiveram problemas com a família. Primeiro, eu encontrei todos os problemas e preconceitos. (MT1). (PINTO, 2018, p.89).

A mulher e a maternidade são evidenciadas nos estudos de Barbosa (2017) com o foco nas mulheres grávidas apenas e Rocha (2019) com o foco nas mulheres que possuem filhos ou filhas com microcefalia. A partir do perfil da primeira pesquisa, têm-se que essas mulheres, antes de serem presas trabalhavam no comércio formal ou informal, eram donas de casa ou estudantes. A média de escolaridade identificada pela autora é de que entre as entrevistadas variou da quarta série do fundamental ao terceiro ano do ensino médio (a autora não apresentou em suas análises as porcentagens). Barbosa (2017) constatou que muitas são de famílias de baixa renda e a maioria já possuía um ou mais filhos fora do cárcere, estes que se

encontram sob o cuidado de familiares ou de famílias sociais em lares temporários. Muitas das entrevistadas foram presas por estarem acompanhando seus companheiros em crimes relacionados à drogas Barbosa (2017). O medo constante que elas sofrem é o momento de separação dos seus filhos, além da dificuldade de estar grávida, sozinha e presa conforme apresenta:

Para algumas entrevistadas, as dificuldades ligadas à gravidez no cárcere estão associadas à ausência da família, pois, conforme os relatos, se por um acaso algo desse errado, a família seria o aporte para ajudá-las. Como explicitado anteriormente, o contato com a família na maioria das vezes é dificultado pela distância entre o local em que elas se encontram presas e a cidade onde residem seus parentes. A distância das famílias acarreta outro problema, a dificuldade de se conseguir itens necessários, obtidos através de doações que chegam ao Centro, ou de se obter serviços como lavagem de roupa e limpeza que acabam sendo realizados por outras apenadas (BARBOSA, 2017, p.88).

Assim como o perfil identificado das mulheres grávidas apenadas, as mulheres que possuem filhos ou filhas com microcefalia na pesquisa de Rocha (2019) em sua maioria também já possuem outros filhos. Outro ponto em comum, é o de essas mulheres possuírem em sua maioria baixa escolaridade, sendo que algumas têm o ensino médio completo e a maioria o fundamental incompleto. Já em relação à renda, a maioria recebe o equivalente a 1 salário mínimo como renda familiar, representada pelo Benefício de Prestação Continuada - BPC (valor pago pelo governo, para aquelas pessoas que possuem determinadas enfermidades, algumas possuem outros benefícios do governo como o bolsa família). Conforme Rocha (2019):

“Em relação a profissão observamos que todas as mulheres se dedicam quase que totalmente aos cuidados com o filho ou filha com microcefalia, pela necessidade de cuidados que essas crianças apresentam. Dentre as entrevistadas, apenas 1 ainda consegue estudar, pois reside com os pais e dispõe do apoio deles nessa questão. As demais não estudam e não tem emprego formal.” (ROCHA, 2019, p.52)

O perfil da mulher negra e a militância é compreendido a partir das mulheres pesquisadas por Melo (2019). As mulheres que fazem parte do coletivo Bamidelê são militantes negras que conciliam suas atividades pessoais com as atividades da organização. A autora identificou que existe uma variação de remunerações salariais como uma das entrevistadas que tem renda mensal de menos de um salário mínimo, duas que possuem renda de um a três salários mínimos e duas que possuem renda de mais de seis salários mínimos. Melo (2019) salienta que também existe uma diversidade de crenças entre as entrevistadas. Em relação ao nível educacional, a autora compreendeu que a maioria possui curso superior

ou são ligadas à universidade (não foi especificado porcentagens). Por meio as ações desenvolvidas dentro da organização Bamidelê, Melo (2019) discute que são voltadas para a importância da valorização da identidade negra, fortalecimento da ancestralidade africana, evidenciar e discutir sobre práticas racistas e como são enfrentadas e também o foco no feminismo negro.

No que diz respeito ao nível educacional das mulheres, elas têm, em sua maioria, curso superior ou são ligadas à universidade, algumas delas inclusive com alto nível educacional. Isso permite que a Organização Bamidelê mantenha um constante diálogo com a academia, se beneficiando de duas formas: desenvolvendo subsídio teórico para suas ações e tendo a oportunidade de promover o debate racial e de gênero dentro da universidade. (MELO, 2019, p.75)

Compreende-se que a mulher como profissional da educação possui interesse nas informações que englobam os temas educação, saúde, política e etc, e a mulher leitora possui, em sua maioria, interesse pelas editoras que publicam temas como política, cultura, nacional e entre outras categorias. Em relação a mulher como profissional da educação, a mulher leitora e a mulher negra e a militância que possuem em sua maioria ensino superior completo, a mulher e a maternidade, em grande parte possuem baixa escolaridade. A mulher trans e questão de identidade de gênero, as entrevistadas são em sua maioria universitárias, sendo assim, configuram-se em uma posição de acesso ao ensino superior, embora a porcentagem de mulheres transgêneras que chegam ao nível superior seja baixo na sociedade, devido à falta de oportunidades, preconceito, marginalização e entre outros fatores.

A mulher em situação de violência enfrenta um estado de isolamento, próximo do isolamento que a mulher e a maternidade sofre, mas em graus e em contextos diferentes. A mulher que sofre agressão muitas das vezes sofre em silêncio, tentando não envolver outras pessoas na situação e por medo da violência só aumentar. A mulher e a maternidade, no caso das mulheres grávidas apenas, sentem o isolamento da distância com a família, física e emocional, além de temerem que logo haverá o distanciamento com seu filho ou filha que virá a nascer, estando também distantes de seu ou seus outros filhos. As mães com filhos ou filhas com microcefalia também se encontram, muitas das vezes, neste estado, pois muitas não possuem uma estrutura de apoio familiar e em muitos casos o pai não pode assistir na ida aos médicos e ao cuidado com a criança, por trabalhar fora. O estado de isolamento também se apresenta no perfil da mulher negra e a militância, e a mulher trans e a questão de identidade de gênero, uma vez que, em uma sociedade estruturalmente racista e patriarcal, as minorias

além de marginalizadas, sofrem com o preconceito diário.

Considerar e analisar cada um dos contextos é de suma importância para que se entenda as barreiras informacionais que cada mulher enfrenta, uma vez que, configurando a informação como veículo de transformação e empoderamento, é necessário compreender a dor e as necessidades delas para que se formalizem maneiras mais acessíveis à informação.

Os dados sobre os sujeitos informacionais pesquisados e comentados anteriormente podem ser visualizados no quadro 3, a seguir.

Quadro 3: Ponto 1 – Quem são os sujeitos informacionais?

AUTORES PESQUISADOS	SUJEITOS INFORMACIONAIS
DUNNE (2002)	Battered Woman (Mulher que sofre violência) Idade: Não explícito Perfil médio: Não explícito
NASCIMENTO (2003)	Professoras da rede pública de ensino médio do Estado de Santa Catarina. Idade: 31 a 40 anos (predominância) Perfil médio: mulher de cor branca, de faixa etária mediana, solteira, católica, ensino superior completo.
DUMONT; SANTO (2007)	Leitoras do Jornal Estado de Minas Idade: predominância entre 40 e 49 anos Perfil médio: Mais da metade tem nível superior e trabalha fora. As que não trabalham fora, mais da metade já exerceu alguma atividade remunerada anteriormente, e se encontra aposentada no momento
BARBOSA (2017)	Mulheres Grávidas presas do Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade da cidade de Vespasiano Região Metropolitana de Minas Gerais Idade: entre 19 e 47 anos Perfil médio: Mais da metade trabalhava fora antes de ser presa e as demais eram donas de casa. A maior parte das entrevistadas se considera parda. A maioria possui dois ou mais filhos, possuem ensino primário e são de famílias de baixa renda. Muitas foram presas por acompanharem os companheiros em delitos relacionados às drogas.
PINTO (2018)	Mulheres transgêneras Idade: Não explícito Perfil médio: A maioria são estudantes

	universitárias e as demais estudantes de nível médio, técnico ou servidora pública. Apenas uma entrevistada é de Goiás, as demais de cidades do Distrito Federal.
ROCHA (2019)	Mulheres que têm filhos ou filhas com microcefalia que são ou já foram atendidos no Centro de Referência Municipal de Inclusão para Pessoas com Deficiências da cidade de João Pessoa Idade: entre 21 e 39 anos Perfil médio: A maioria reside em bairros considerados periféricos e boa parte possui baixa escolaridade e possuem mais de 1 filho.
MELO (2019)	Mulheres negras que fazem parte do corpo militante do Bamidelê - Organização de Mulheres Negras da Paraíba. Em sua maioria, possuem formação em nível superior, sendo que algumas exercem atividades na área acadêmica como professoras universitárias, e todas conciliam suas atividades com as da organização. Idade: 29 e 60 anos, sendo que apenas uma entrevistada tem 29 anos, sendo que as demais 4 tem de 49 a 60

Fonte: Elaborado pela autora conforme os trabalhos estudados (2022)

5.2 Modelos Teóricos Utilizados

Conforme Wilson (1999) um modelo pode ser descrito como uma estrutura designada com o objetivo de se pensar sobre um problema, de modo que pode evoluir para declarações das relações entre proposições teóricas. Ainda segundo o autor:

A maioria dos modelos no campo geral do comportamento informacional são da primeira variedade: são declarações, muitas vezes na forma de diagramas, que tentam descrever uma atividade de busca de informações, as causas e consequências dessa atividade, ou as relações entre os estágios do comportamento de busca de informações. (WILSON, 1999, p.250)

Os modelos teóricos que apoiaram as análises sobre comportamento informacional identificados nas pesquisas analisadas, como apresentado, estão presentes na seção Revisão de Literatura mais especificamente na Seção 3.2.4 – Modelos Teóricos de Comportamento Informacional. Foram identificados a utilização total de modelos referentes à literatura

estrangeira tendo os autores Wilson e Dervin sendo os mais citados.

No artigo de Dunne (2002), sujeito mulher em situação de violência, a autora propôs o modelo *person-in-progressive-situations* a partir de uma adaptação do modelo *person-in-situation* de Allen (1996). O modelo *sense-making* de Brenda Dervin (1983; 2005) foi citado nas pesquisas de Barbosa (2017), correspondente ao perfil da mulher e a maternidade, Pinto (2018), referente ao perfil da mulher trans e a questão de identidade de gênero e Melo (2019), perfil da mulher negra e a militância.

Ainda sob a perspectiva da mulher trans e a questão da identidade de gênero, a pesquisa de Pinto (2018) também se baseou no modelo *Valor Agregado* de Taylor (1986), o modelo do comportamento humano na busca informacional de Ellis (1989), o modelo de comportamento informacional de Wilson (1981) e também o modelo revisado Wilson e Walsh (1996) e o Modelo de uso da informação de Choo (2006). Melo (2019) caracterizado pela mulher negra e a militância, também se apoiou no modelo de Wilson (1981;1999).

O modelo de busca de informação na vida cotidiana por Savolainen (1995) foi utilizado por Barbosa (2017), considerando a mulher e a maternidade. Também no perfil da mulher e a maternidade, Rocha (2019) se apoiou no modelo bidimensional de Práticas Informacionais de McKenzie (2003) assim como Barbosa (2017) que também Modelo o modelo de McKenzie e como adicional o modelo Versão estendida por Yeoman (2010). No quadro 4 estão explícitos os modelos citados pelos autores das pesquisas analisadas.

A partir da compreensão dos modelos teóricos utilizados nas pesquisas analisadas, realizou-se o esforço de sintetizar o comportamento informacional dos sujeitos informacionais identificados.

Deste modo, a mulher em situação de violência, conforme Dunne (2002) argumenta que baseado nas pesquisas de outros autores, foi possível estabelecer que as mulheres agredidas costumam ter uma progressão em suas necessidades de informação na medida que o abuso continua. Sendo que as necessidades iniciais são pautadas em entender como sair da situação de violência. Foi identificado pela autora que as fontes de informação mais buscadas pelas mulheres são as informais, amigos e familiares. Segundo Dunne (2002) com a progressão do abuso, as necessidades informacionais chegam ao passo que as mulheres começam a enxergar o problema como muito complexo o que leva a uma maior busca de ajuda em canais formais. As informações que as mulheres espancadas precisam vão desde aconselhamento jurídico, assistência sobre o que fazer nessa situação, quais os encaminhamentos necessários, aconselhamento psicológico, até informações de abrigos e um local que as recebam. Em relação ao uso, as mulheres podem utilizar as informações para sair

da situação e também após saírem dos abrigos, por exemplo, quando enfrentam a necessidade de decidir se retornam ao seu agressor ou não (DUNNE, 2002).

O comportamento informacional da mulher como profissional da educação a partir da pesquisa de Nascimento (2003), a autora identificou que entre os principais temas que as entrevistadas consideraram necessários para satisfazer suas necessidades informacionais enquanto cidadãs e profissionais são educação, saúde, política, gênero, Mercado de trabalho e etc. (dispostos em ordem de importância). As mulheres buscam informações para tomar decisões pessoais, profissionais, exercer o magistério e se atualizar. A autora concluiu que as três fontes mais citadas foram os livros, as revistas e os jornais. Os livros por sua vez, são mais utilizados para buscar informações referentes ao magistério. Nascimento (2003) salienta que 58,6% das professoras raramente utilizam ou nunca utilizaram o computador da escola e a biblioteca é utilizada mais como um espaço para desenvolver tarefas do que um local de pesquisa.

Santo e Dumont (2007) identificaram no processo de busca de informação pela mulher em jornais impressos que a mulher, quase metade do público leitor dos grandes jornais brasileiros, os lê principalmente em busca de informação sobre diversos temas, principalmente política, acontecimentos locais, cultura, temas sociais e também mais específicos como temas femininos, como moda e família. As autoras concluíram que as mulheres buscam a informação como forma de lazer, de exercitar a leitura e de atender às suas necessidades profissionais e depois de acessada a informação é convertida em argumentos, que as permitam comunicar socialmente.

A mulher trans e a questão de identidade de gênero: Pinto (2018) concluiu que as necessidades de informação das mulheres transgêneras avançavam conforme o estágio em que se encontram na transição de gênero. Primeiro as necessidades são relacionadas ao porquê disso estar acontecendo e posteriormente, se relacionam com as mudanças físicas como hormônios, procedimentos estéticos e redesignação sexual. O autor detalha que as mulheres trans costumam buscar informações na internet, como no *Facebook*, *Youtube* e *SciELO*. Além disso muitas também obtêm informações com outras mulheres transgêneras e com médicos. O uso da informação, por sua vez, é em todo o processo de transição de gênero, partindo da compreensão de si próprias, o início da transição com as alterações físicas e por fim o compartilhamento da informação. (PINTO, 2018, p. 121)

A mulher e a maternidade na pesquisa de Barbosa (2017), a autora identificou que as principais informações buscadas pelas mulheres grávidas apenas são a respeito dos filhos, da família e de seus companheiros (muitos também estão presos). A mulher também busca

informações sobre as possibilidades de serem libertas e informações sobre o processo que vai acontecer após o nascimento de seu filho. Por meio da pesquisa, Barbosa (2017) concluiu que é por meio das visitas que acontecem aos domingos que as mulheres recebem informações sobre seus filhos e companheiros, sendo assim a principal fonte de informação é a família. Para acessar algumas das informações que necessitam elas têm o apoio jurídico, assistência médica, atendimento psicológico e o diálogo com as agentes penitenciárias e outras apenadas. No âmbito da leitura, a autora argumentou que elas utilizam a biblioteca para ler livros que abordam direito e prerrogativas prisionais.

Rocha (2019) constatou que as mulheres com filhos ou filhas com microcefalia buscam informações na internet sobre microcefalia, durante as consultas médicas elas também tiram suas dúvidas e após a consulta costumam verificar na internet o que foi conversado com a/o médico(a) que atendeu. As mães buscam informações sobre o cuidado com o filho. Ou filha, sobre os procedimentos e tratamentos e etc. A autora identificou que 4 mulheres procuraram na internet informações sobre microcefalia, enquanto 3 mulheres não utilizam mais esse meio, devido às imagens e informações encontradas causarem grande desconforto e medo. Rocha (2019) salienta que os médicos e demais profissionais da área da saúde que deram o maior suporte informacional para as mulheres entrevistadas.

A mulher negra e a militância Melo (2019) constatou que o acesso à informação aconteceu primeiro no contato com outros(as) militantes dentro de diversos movimentos sociais, onde trocaram experiências, e em segundo o estímulo que receberam para buscarem formação em eventos, cursos, oficinas e etc. Para os trabalhos desenvolvidos dentro da organização as mulheres destacaram livros, revistas, internet, *blogs*, dados de pesquisas oficiais e a relação com outras ONGs como principais fontes informacionais. A autora identificou que como algumas das mulheres possuem ligações com a universidade e ocupam posição de provedora de conteúdos oferecidos, elas atuam como fontes de informação também.

Quadro 4: Ponto 2 – Modelos Teóricos Comportamento Informacional

AUTORES PESQUISADOS	MODELOS TEÓRICOS CITADOS
DUNNE (2002)	<ul style="list-style-type: none"> • Modelo person-in-progressive-situations Dunne (2002) adaptado de person-in-situation de Allen (1996)
BARBOSA (2017)	<ul style="list-style-type: none"> • Modelo de busca de informação na vida cotidiana Savolainen (1995)

	<ul style="list-style-type: none"> • Modelo revisado de comportamento informacional Wilson (1999) • Modelo Biodimensional de Práticas informacionais McKenzie (2003) • Versão estendida do modelo McKenzie (2003) por Yeoman (2010)
PINTO (2018)	<ul style="list-style-type: none"> • Modelo de comportamento informacional Wilson (1981;1999) • Modelo de Valor Agregado (value-added) Taylor (1986) • Modelo revisado de comportamento informacional Wilson e Walsh (1996) • Modelo Comportamento na busca informacional de Ellis (1989) • Modelo Sense-making Dervin (2005) • Modelo de uso da informação Choo (2006)
ROCHA (2019)	<ul style="list-style-type: none"> • Modelo Biodimensional de Práticas informacionais McKenzie (2003)
MELO (2019)	<ul style="list-style-type: none"> • Modelo de comportamento informacional Wilson (1981) • Modelo revisado de comportamento informacional Wilson (1999) • Modelo Sense-making Dervin (2005)

Fonte: Elaborado pela autora conforme os trabalhos estudados (2022)

5.3 Dificuldades/Barreiras Informacionais

A partir da compreensão dos conceitos acerca de barreiras informacionais dispostas na seção 3.4 desta pesquisa, realizou-se o levantamento das barreiras enfrentadas por cada um dos perfis de mulheres analisados. Realizou-se também a classificação das barreiras identificadas conforme a conceituação e tipologia descritas.

Assim os dados coletados permitem a visualização de diferentes tipos de barreiras que são explicadas a partir dos perfis dos sujeitos informacionais identificados. A mulher em situação de violência, possui como barreira frequentemente citada o desconhecimento dos serviços disponíveis e de instituições e agências que podem dar suporte à elas. As mulheres nessa situação, muitas vezes, sentem sentimentos de culpa, vergonha, medo e

responsabilidade, que impedem que elas procurem ajuda e informações sobre quem e quais instituições podem ajudá-las. O medo da retaliação, por parte do agressor caso ele descubra que ela procurou ajuda, também é uma barreira expressada por algumas mulheres, que temem que as agressões aumentem não só para si, mas também para amigos e familiares que possam tentar ajudar. No contexto do artigo analisado, as mulheres que conseguem chegar até as agências que podem oferecer apoio à elas, enfrentam a dificuldade de não terem suas necessidades suficientemente atendidas para que consigam escapar da situação de violência, devido à falta de recursos que as agências dispõem. (DUNNE, 2002). Em relação a literatura que classifica as diferentes barreiras informacionais e considerando as afirmações apresentadas acima, identifica-se que a mulher em situação de violência possui como principais barreiras: a barreira de medo e ansiedade, devido aos sentimentos que vivencia neste contexto e também a barreira de sentido de ameaça, motivada pela sensação que se sentem de possível agravamento das agressões.

A mulher como profissional da educação, por meio da pesquisa de Nascimento (2003) possui, como identificado pela autora, a dificuldade em relação ao uso do computador dentro das escolas onde trabalham. As mulheres afirmam que falta informação de como a sala de informática funciona, algumas não possuem o acesso ao computador, o fator tempo também é citado como limitador e há ainda professoras que não consideram haver necessidade de utilizar o computador para buscar informações na internet. Somente 10% das entrevistadas possuem computador em casa. Sendo assim, compreende-se que a principal barreira enfrentada é a barreira de dependência tecnológica. Nesta pesquisa não foi levantada a conceituação de barreira de tempo para buscar a informação. No entanto, considera-se que por tradicionalmente a mulher possuir de duas a três jornadas de trabalho, como o trabalho fora, o cuidado com filhos e o cuidado e manutenção da casa, o fator tempo disponível para busca e uso da informação é sim uma barreira.

A mulher como leitora, não foi identificadas barreiras explícitas no texto, embora possa-se analisar que ao citar o fato de muitas das vezes as mulheres repetem aquilo que leram como se fosse um pensamento próprio, sendo na verdade a percepção do interlocutor, podendo se caracterizar como uma barreira de responsabilidade sob o que lê e as informações que repassa ao outros.

A mulher trans e a questão de identidade de gênero, são citadas pelas mulheres as questões financeiras, psicológicas e também a dificuldade de se encontrar endocrinologistas que sejam especialistas em atender pessoas trans. No caso de cirurgias a questão geográfica

pode ser uma barreira, já que as principais cirurgias procuradas, como silicone, redesignação sexual e harmonização facial exigem uma procura muito grande, conseguindo achar mais nos polos São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia. O acesso à internet também é mencionado como uma barreira, assim como a ausência de informações sobre pessoas transgêneras em jornais e revistas e a falta de centros de informações em zonas rurais. (PINTO, 2018). Deste modo, identificou-se a barreira de dependência tecnológica como um fator importante, em relação ao acesso à internet. No âmbito das barreiras de dimensões psicoemocionais, destacam-se a barreira de sentimento de medo e ansiedade ao envolver a dificuldade de encontrar profissionais especializados para atender pessoas trans e também a ausência de informações em centros em zonas rurais. A barreira financeira também é identificada.

A mulher e a maternidade, na pesquisa da autora Barbosa (2017), foi identificada como barreira na busca por informação a dificuldade em manter contato com os defensores públicos, uma vez que o profissional fica pouco tempo nessa posição e substituição ocorre com constância. Outra barreira é a vergonha de perguntar. A falta de acesso de algumas apenas a palestras sobre conteúdos úteis para o seu processo também é apontada como uma barreira. Já as mulheres mães de filhos ou filhas com microcefalia, as barreiras identificadas foram o fato de algumas não saberem ler e também a quantidade de informações desagradáveis que as mulheres encontraram na internet logo no início de sua busca informacional, fazendo com que elas sentissem medo, desconforto e incerteza sobre como seria para seu próprio filho. Neste caso, muitas das mulheres diminuíram ou até suspenderam as buscas na internet pelo medo. (ROCHA, 2019). Compreende-se portanto, a identificação da barreira de desconhecimento, caracterizada pela falta de conhecimento sob a sua própria condição, no que tange à dificuldade de manter contato com os defensores públicos e também uma relação com a vergonha de perguntar para as mulheres grávidas apenas. As informações desagradáveis que as mulheres mães de filhos ou filhas com microcefalia encontram na internet causam a barreira de sentimento de medo e ansiedade sobre a condição de seu filho(a). Embora não se tenha classificado uma barreira específica para não se saber ler, considera-se esse fator uma barreira de analfabetismo.

A mulher negra e a militância, enfrenta dificuldades em nível individual e coletivo. No nível individual, muitas mulheres afirmam não possuírem condições financeiras de manter assinaturas de revistas, comprar livros e também poder ir em congressos, eventos e encontros que atendam às temáticas referentes às suas necessidades. Em nível coletivo, a organização Bamidelê sofre dificuldades financeiras após cortes em projetos e a saída de órgãos de

financiamento do país. Desta forma, as barreiras enfrentadas envolvem questões sociais, políticas e econômicas. (MELO, 2019). Tanto a vivência da mulher de maneira pessoal, quanto a vivência coletiva como fazer parte do coletivo, apresenta como principal barreira a financeira e econômica considerando tanto o custo de se obter a informação, quanto o custo de produzi-la e disseminá-la.

Ao analisar as barreiras dos perfis de mulheres levantados por meio das análises, compreende-se que as principais barreiras enfrentadas pelas mulheres foram as ligadas com questões financeiras e também de dimensões emocionais. É importante salientar que ao identificar uma barreira financeira o problema não é o dinheiro, por si só, sendo na verdade uma barreira gerada por uma condição social e política que muitos brasileiros e brasileiras vivem. A desigualdade social, a escassez de representatividade na participação política, a marginalização e o preconceito com as mulheres negras, as mulheres trans e as mulheres apenadas, por exemplo, demonstram que para sanar uma necessidade informacional existe a importância de deixar claro as barreiras que a estrutura social, econômica e política do país coloca as pessoas em posições desfavoráveis. As barreiras também relacionadas ao analfabetismo e ao acesso à informação, por meio da falta de disponibilidade de recursos tecnológicos ou até mesmo não possuir condições financeiras de adquirir esses recursos necessários, demonstram outro viés problemático. Quadro 5 Dificuldades/Barreiras.

Quadro 5: Ponto 3 – Dificuldades/Barreiras

AUTORES PESQUISADOS	BARREIRAS
DUNNE (2002)	Ignorância dos serviços disponíveis. As mulheres agredidas muitas vezes experimentam sentimentos de responsabilidade, privacidade, culpa, vergonha e medo em resposta às suas situações de abuso.
NASCIMENTO (2003)	“é difícil ter acesso e quando tem o tempo é limitado” “faço buscas para preparar aulas, mas nem sempre encontro novidades” “infelizmente não é do nosso acesso”; “falta informação de como funciona a sala de informática”; “porque o computador não é para dar aula”; “não existe ainda uma grande necessidade”
DUMONT; SANTO; (2007)	Leitoras se referem aos acontecimentos e situações como se tivessem testemunhado os fatos e se “esquecem” de que receberam a informação pelo viés de um interlocutor, o jornal, que está a serviço do poder hegemônico cujo discurso é masculino. Portanto, de uma maneira geral, não

	<p>são as matérias o que elas discutem. São os ângulos e interpretações construídos através de textos e fotografias jornalísticas, que passam a ser base da opinião individual e vão se mesclar à bagagem mental, às condições e relações sociais de cada uma.</p>
BARBOSA (2017)	<p>Dificuldade que algumas apenas encontram em manter contato com os defensores públicos Falta de acesso de algumas apenas a palestras que poderiam responder às suas dúvidas jurídicas</p>
PINTO (2018)	<p>"Tem a questão psicológica, a questão financeira." "Não existem muitos endocrinologistas que sejam especialistas em atender pessoas trans" "Tem algumas cirurgias faciais que são um pouco difíceis de você achar aqui em Brasília. Aqui em Brasília não fazem redesignação sexual, apenas silicone. Como são poucos os lugares que fazem a gente tem que procurar bastante. Se eu quiser fazer um procedimento cirúrgico, eu tenho que ir para São Paulo, Goiânia, Rio de Janeiro." "a ausência de informações sobre pessoas transgêneras em jornais e revistas e a falta de centros de informação em zonas rurais"</p>
ROCHA (2019)	<p>" O que você coloca...você pode colocar lá microcefalia infantil, vai aparecer cada coisa que parece um negócio do outro mundo, que você se abala muito se você for ficar lá, eu na primeira pressão fiz uma pesquisa e assim mesmo não fui mais, não entrei mais no Google, porque não é positivo!" "Teve um período, logo assim que eu soube, eu procurei, que eu não sei mexer, mandei meu menino. Procurei, mas eu fiquei muito abalada, aí eu não quis mais procurar saber [...] O problema dele, dizer que eu não queria saber disso, aí parei de mexer com isso [...] Aí parei de botar isso na sua cabeça, aí eu parei, eu chorava bastante, chorava bastante, tanto que hoje eu sou acompanhada. Por uma psiquiatra. "</p>
MELO (2019)	<p>As mulheres argumentam que hoje não possuem mais condições de manter assinaturas de revistas, de comprar livros, por outro lado, também não possuem mais condições de participar de congressos.</p> <p>"Gosto muito de ir para eventos, encontros, congressos, porque é uma forma da gente ter ali informações novas, circulando, que ainda não foram para publicação, mas que hoje o dinheiro não está dando mais para fazer isso. As universidades não estão custeando ninguém, nem professores, nem estudante para ir para congressos, lastimável isso!"</p>

Fonte: Elaborado pela autora conforme os trabalhos estudados (2022)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral identificar a produção brasileira de trabalhos, focados no comportamento informacional de mulheres, disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD.

Por meio da metodologia de revisão sistemática de literatura e da técnica *backward snowballing* foram identificados 4 dissertações de mestrado e 3 artigos, respectivamente referentes a temática. Por meio do levantamento bibliográfico realizado, percebeu-se que a produção científica nacional com o foco no comportamento informacional de mulheres é reduzido. Entre as pesquisas analisadas, optou-se por adicionar um artigo em inglês de uma autora Norte Americana, devido a temática de proposição de revisão de um modelo teórico e também pelo foco no sujeito informacional mulher em situação de violência.

Por meio do primeiro objetivo específico, pautado em identificar os sujeitos informacionais das pesquisas, classificou-se as mulheres entrevistadas em seis sujeitos: a mulher em situação de violência; a mulher como profissional da educação; a mulher como leitora; a mulher trans e a questão de identidade de gênero; a mulher e a maternidade, a mulher negra e a militância.

Pautado no segundo objetivo específico, identificar os modelos teóricos sobre comportamento informacional utilizados, destacam-se os seguintes modelos: *Person-in-progressive-situations* por Dunne (2002) adaptado do *Person-in-situation* de Allen (1996); *Everyday Information Seeking – ELIS* por Savolainen (1995); Modelo revisado de comportamento informacional por Wilson (1981:1999) e o modelo revisado de comportamento informacional por Wilson e Walsh (1996); *Sense-making* por Dervin (1983); Modelo *Value-Added* de Taylor (1986); Modelo de comportamento na busca informacional de Ellis (1989); Modelo Biodimensional de Práticas Informacionais McKenzie (2003); Versão estendida do modelo McKenzie por Yeoman (2010).

A identificação dos sujeitos foi de suma importância para compreender o contexto que cada uma das mulheres vivem e depois para poder verificar, por meio da conceituação dos modelos teóricos, como os autores das pesquisas analisadas definirem o comportamento informacional dessas mulheres. A partir disso, por meio do terceiro objetivo específico, verificar as dificuldades/barreiras informacionais enfrentadas pelas pesquisadas foram descritas as barreiras mencionadas pelos autores e classificadas conforme conceituação e

tipologia descritas na secção de revisão de literatura. Entre as barreiras que mais aparecem foram: barreira financeira, barreira econômica, barreira de medo e ansiedade, barreira de sentido de ameaça, barreira de desconhecimento e barreira de dependência tecnológica. Embora não tenham sido classificadas a barreira de analfabetismo e barreira de tempo (sob a perspectiva do escasso tempo para busca), ambas foram indicadas na pesquisa como pontos que chamara a atenção.

Compreende-se que muitas das barreiras informacionais encontradas e classificadas, como a barreira financeira, a barreira de analfabetismo, a barreira de desconhecimento e etc, possuem direta relação com o contexto de vida de desigualdade social, marginalização, dificuldade de acesso à educação, preconceito, que são problemas estruturais que afetam a vida de cada uma dessas mulheres.

A pesquisa trouxe à luz a importância de ampliar os estudos de comportamento informacional com o foco na mulher. No primeiro ponto, compreende-se a necessidade de um estímulo desde a graduação e também dos programas de pós-graduação em ciência da informação de estabelecer uma linha de pesquisa específica para essa temática.

Outro ponto importante é que as pesquisas sobre esse tema deveriam fortalecer uma visão interdisciplinar sobre a temática com áreas, por exemplo, da educação, psicologia social, economia, sociologia, ciência política, entre outras áreas de conhecimento.

As temáticas estudadas pelas pesquisas analisadas são extremamente importantes, pois revelam considerações da condição de vida dessas mulheres, considerando diferentes classes sociais, níveis de escolaridade, regiões do país, etc. Considera-se também que esses temas poderiam ser aprofundados em novos estudos dentro da abordagem. Outro aspecto percebido por meio da pesquisa, foi o de estudos com o foco em mulheres que vivem em zonas urbanas. Por este motivo, destaca-se a necessidade de expandir as pesquisas com o foco nas necessidades das mulheres como sujeito informacional, que vivem em zonas rurais. Por fim, sugere-se também a cobertura de estudos em comunidades não destacadas pelos estudos identificados.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E. A. Informação, sociedade e cidadania: gestão da informação no contexto de organizações não-governamentais (ongs) brasileiras. **Ciência da Informação**, v. 28, n. 2, 1999.

ARAÚJO, E. A. DE. Práticas informacionais em ambientes de infodemias: Reflexões para o estudo de patologias informacionais. **Liinc em Revista**, v. 17, n. 1, p. e5700–e5700, 22 jun. 2021.

BARBOSA, A. G. **Práticas informacionais das apenadas do Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade de Vespasiano- MG**. Dissertação de Mestrado—Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

BIBLIOTECA DE TESES E DISSERTAÇÕES. Disponível em <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em 10 jan de 2022

BRANDELLI COSTA, A.; ZOLTOWSKI, A. Como escrever um artigo de revisão sistemática. Em: **Manual de Produção Científica**. 2014. p. 39–55.

CARIBÉ, R. DE C. DO V.; PINTO, A. A.; DIOGENES, F. C. B. Necessidades de informação do Gênero Mulher no Distrito Federal, Brasil: resultado de um survey. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 13, n. 2, p. 418, 31 maio 2015.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

DE JESUS, J. G. **ORIENTAÇÕES SOBRE A POPULAÇÃO TRANSGÊNERO: CONCEITOS E TERMOS**. BRASÍLIA: 2012.

DAVENPORT, T. H. **Ecologia da Informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação**. São Paulo: Futura, 1998.

DUNNE, J. E. Information seeking and use by battered women: A “person-in-progressive-situations” approach. **Library and information science research**, v. 24, n. 4, p. 343–355, 2002.

EISENBERG; DIRKS. Taylor’s Value-Added Model: Still Relevant After All These Years. 2008.

ESPÍRITO SANTO, PATRÍCIA; DUMONT, LÍGIA MARIA MOREIRA. **A busca de informação pela mulher em jornais impressos**. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/res/v/174060>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

FURTADO, R. L. Gênero: uma categoria útil de análise histórica | Educação & Realidade. 8 mar. 2017.

GASQUE, K. C. G. D.; COSTA, S. M. DE S. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 1, 23 nov. 2010.

GONÇALVES, M. Abordagem *sense-making* na ciência da informação: uma breve contextualização. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 9, n. 2, p. 1, 6 jan. 2012.

KOCHE, J. C. **Fundamentos de Metodologia Científica: Teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

KUHLTHAU, C. C. A PRINCIPLE OF UNCERTAINTY FOR INFORMATION SEEKING. **Journal of Documentation**, 1 abr. 1993.

LECKIE, G. J.; PETTIGREW, K. E.; SYLVAIN, C. Modeling the Information Seeking of Professionals: A General Model Derived from Research on Engineers, Health Care Professionals, and Lawyers. **The Library Quarterly: Information, Community, Policy**, v. 66, n. 2, p. 161–193, 1996.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, M.; ODDONE, N. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ciência da Informação**, v. 36, p. 118–127, ago. 2007.

MARTINS, J. A. **Fluxo de informação no processo de produção de material didático na EaD**. Dissertação de Mestrado— Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

MCKENZIE, P. J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, v. 59, n. 1, p. 19–40, 1 fev. 2003.

MELO, D. A. DE. **Práticas informacionais e a construção da competência crítica em informação: Um estudo na Bamidelê – Organização de Mulheres Negras da Paraíba**. Dissertação de Mestrado—Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2019.

NASCIMENTO, M. DE J. INFORMAÇÃO E CIDADANIA: necessidades e formas de busca por parte da mulher catarinense. **Informação & Sociedade: Estudos**, 30 jun. 2003.

PINTO, E. M. **Informação e transgeneridade: o comportamento informacional de mulheres transgêneras e as percepções da identidade de gênero**. Dissertação de Mestrado—Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

QUINN, R. E. et al. Em: **Competências Gerencias: Princípios e Aplicações**. Elsevier Editora Ltda, 2003. p. 116.

RENDÓN-ROJAS, M. Á.; GARCÍA CERVANTES, A. L. **El sujeto informacional en el contexto contemporáneo. Un análisis desde la identidad comunitaria-**

informacional. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis: [2012]. v. 17

ROCHA, J. A. P.; DUARTE, A. B. S.; PAULA, C. P. A. DE. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, v. 23, n. 1, p. 36–61, 2017.

ROCHA, P. M. DA S. **Resiliência informacional no contexto da microcefalia: o papel das práticas informacionais no ambiente digital.** Dissertação de Mestrado —Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2019.

SANTO, P. E. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão**, v. 14, n. 2, p. 317–332, 2008.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking: Approaching information seeking in the context of “way of life”. **Library & Information Science Research**, v. 17, n. 3, p. 259–294, 1 jun. 1995.

STAREC, C. A questão da informação estratégica no ensino superior: os pecados informacionais e barreiras na comunicação da informação para a tomada de decisão na Universidade Estácio de Sá. 10 mar. 2003.

TAVARES, C.; FREIRE, I. M. “Lugar do lixo é no lixo”: estudo de assimilação da informação. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 2, 2003.

TAYLOR, R. S.; TAYLOR, R. S. **Value-added processes in information systems.** Norwood N.J: Ablex Publishing Corporation, 1986.

WILSON, T. Human Information Behavior. **Informing Science**, v. 3, p. 49–55, 1 jan. 2000.

WILSON, T. D. On user studies and information needs. *Journal of Documentation*. v. 31, 1981.

WOHLIN, C. **Guidelines for snowballing in systematic literature studies and a replication in software engineering.** Proceedings of the 18th International Conference on Evaluation and Assessment in Software Engineering - EASE '14. **Anais...:** EASE '14. Em: THE 18TH INTERNATIONAL CONFERENCE. New York, NY, USA: ACM Press, 2014. Disponível em: <<http://dl.acm.org/citation.cfm?doid=2601248.2601268>>. Acesso em: 21 mar. 2022

APENDICE A

Tabela de fichamento

REFERÊNCIAS	Ponto 1 - Quem são os sujeitos informacionais?	Ponto 2 - Modelos Teóricos citados	Ponto 3 - Quais as barreiras/dificuldades enfrentadas pelos sujeitos informacionais?
DUNNE, J. E. (2002). Information seeking and use by battered women: A “person-in-progressive-situations” approach. Library and Information Science Research.	Battered Woman (Mulher que sofre violência) Idade: Não explícito Perfil médio: Não explícito	Modelo person-in-progressive-situations Dunne (2002) adaptado de person-in-situation de Allen (1996)	The most frequently cited barrier in almost all personal information-seeking situations is ignorance of available services. Beal’s (1979) study of community information needs revealed that many people are largely unaware of the information resources available to them within their communities. Harris (1988) reported similar findings for battered women in particular. Although the women in her study were able to articulate their information needs clearly, had contacted a variety of potential help providers, and did eventually find their way to a shelter, Harris found that those who sought information about shelter, counseling, and legal rights encountered difficulty in the process. Page 5, 6. Battered women often experience feelings of responsibility, privacy, guilt, shame, and fear in response to their abusive situations. Homer et al. (1985) identified these internal responses to battering and noted the ways in which these feelings deter women from seeking help and information from social service agencies, physicians, and even their own friends and family members. Page 6. Page 6 - “burdening other people.”. Johnson (1985) observed that police responses to domestic violence are often characterized by a greater degree of consideration for marital privacy than for the woman’s safety. Page 8
NASCIMENTO, M. J. Informação e cidadania: necessidade e formas de busca por parte da mulher catarinense. Informação & Sociedade: estudos, João Pessoa. 2003	Professoras da rede pública de ensino médio do Estado de Santa Catarina. Idade: 31 a 40 anos (predominância) Perfil médio: mulher de cor branca, de faixa etária mediana,	-	Afirmativas tais como “é difícil ter acesso e quando tem o tempo é limitado”; “faço buscas para preparar aulas, mas nem sempre encontro novidades”; “infelizmente não é do nosso acesso”; “falta informação de como funciona a sala de informática”; “porque o computador não é para dar aula”; “não existe ainda uma grande necessidade”, demonstram que não estão fazendo uso do computador como instrumento de pesquisa e que o uso da Internet ainda não é uma prática na escola. Página 143 (21 no arquivo)

	solteira, católica, ensino superior completo.		
DUMONT, L. M. M.; ESPÍRITO SANTO; P. A busca de informação pela mulher em jornais impressos. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB, 8., 2007, Salvador. [Anais eletrônicos...]. Salvador: Programa de Pós-graduação da Escola de Ciência da Informação da UFBA, 2007. 1 CDROM.	Leitoras do Jornal Estado de Minas Idade: mais concentrada entre 40 a 49 anos Perfil médio: Mais da metade tem nível superior e trabalha fora. As que não trabalham fora, mais da metade já exerceu alguma atividade remunerada anteriormente, e se encontra aposentada no momento	-	Dessa forma, leitoras se referem aos acontecimentos e situações como se tivessem testemunhado os fatos e se “esquecem” de que receberam a informação pelo viés de um interlocutor, o jornal, que está a serviço do poder hegemônico cujo discurso é masculino. Portanto, de uma maneira geral, não são as matérias o que elas discutem. São os ângulos e interpretações construídos através de textos e fotografias jornalísticas, que passam a ser base da opinião individual e vão se mesclar à bagagem mental, às condições e relações sociais de cada uma. Página 9
BARBOSA, Andreza Gonçalves. Práticas informativas das apenadas do Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade de Vespasiano - MG. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.	Mulheres Grávidas presas do Centro de Referência à Gestante Privada de Liberdade da cidade de Vespasiano Região Metropolitana de Minas Gerais Idade: entre 19 e 47 anos Perfil médio: Mais da metade trabalhava fora antes de ser presa e as demais eram	Savolainen (1995) / Willson (1999) / McKenzie (2003) / Yeoman (2010)	No que concerne ao terceiro objetivo específico, identificar as barreiras encontradas na busca por informação, e como estas interferem nas práticas informativas das apenadas, uma dessas barreiras encontradas faz menção à dificuldade que algumas apenadas encontram em manter contato com os defensores públicos. Quando conseguem atendimento, nem sempre o mesmo defensor permanece ao longo da ação judicial, o que compromete sobremaneira o desenrolar dos processos. Outro fato observado remete-se à falta de acesso de algumas apenadas a palestras que poderiam responder às suas dúvidas jurídicas, ressaltando que, à época da pesquisa, o Centro ofereceu palestras a respeito de temas como drogas, maternidade, higiene e gestação. Página 118

donas de casa. A maioria possui dois ou mais filhos, possuem ensino primário e são de famílias de baixa renda. Muitas foram presas por acompanharem os companheiros em delitos relacionados às drogas.

- PINTO, Elton
Mártires. Informação e transgeneridade: o comportamento informacional de mulheres transgêneras e as percepções da identidade de gênero. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- Mulheres transgêneras
Idade: Não explícito
Perfil médio: A maioria são estudantes universitários e as demais estudantes de nível médio, técnico ou servidora pública. Apenas uma entrevistada é de Goiás, as demais de cidades do Distrito Federal.
- Wilson (1981) ; Brenda Dervin Sense-Making (2005) / 1986, Taylor publicou o modelo “Value-Added” / Ellis (1989) / Wilson (1999) / Wilson e Walsh (1996). / Choo (2006)
- Não exatamente, porque o processo de transição é muito relativo, varia de pessoa para pessoa. Algumas pessoas se sentem bem com as informações que têm, mas outras não. Então acho que vamos recebendo informações no decorrer da vida. É um assunto o qual sempre precisaremos de informações. (MT1). Sempre tem barreiras, sempre, sempre. Tem a questão psicológica, a questão financeira. No meu caso não foi tão difícil justamente porque eu conheci outras meninas que me indicaram médicos. A minha endocrinologista eu encontrei pela internet. Eu procurei pelo plano de saúde, fui e gostei do atendimento dela, da forma que ela trabalha e foi bem tranquilo. (MT2). Não, não... Todas não. Principalmente na questão da hormonização porque não existem muitos endocrinologistas que sejam especialistas em atender pessoas trans. (MT3). Tudo que eu pesquisei... Tem algumas cirurgias faciais que são um pouco difíceis de você achar aqui em Brasília. Aqui em Brasília não fazem redesignação sexual, apenas silicone. Como são poucos os lugares que fazem a gente tem que procurar bastante. Se eu quiser fazer um procedimento cirúrgico, eu tenho que ir para São Paulo, Goiânia, Rio de Janeiro. (MT4). Encontrei. Mas sempre por meio do que as outras pessoas trans falavam na internet. Para alguém sem acesso a internet é quase impossível conseguir essas informações. (MT8). Página 97 e 98 Como se vê, além da facilidade de acesso, as mulheres transgêneras pontuaram alguns outros fatores relevantes, tais como: a ausência de informações sobre pessoas transgêneras em jornais e revistas e a falta de centros de informação em zonas rurais, como relatado pela MT1. Jardine (2013) considera essa ausência como uma barreira informacional, isto é, dependendo da localização de uma biblioteca ou centro de informação, as informações são limitadas. A autora destaca que existem mais informações sobre pessoas LGBT nas zonas urbanas do que em zonas rurais. Essa barreira demográfica também é evidenciada no documentário102 Mala Mala. Um homem transgênero entrevistado, Paxe, afirma que, em Porto Rico não existe informações sobre hormonização masculina. O máximo de informações que Paxe recebeu, até o momento da filmagem do documentário, foi da possibilidade de utilizar um medicamento que faria com que a sua barba

<p>ROCHA, Paulline Mariele da Silva. A resiliência informacional no contexto da microcefalia. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia, v. 12, n. 2, 2017.</p>	<p>Mulheres que têm filhos ou filhas com microcefalia que são ou já foram atendidos no Centro de Referência Municipal de Inclusão para Pessoas com Deficiências da cidade de João Pessoa Idade: entre 21 e 39 anos Perfil médio: A maioria reside em bairros considerados periféricos e boa parte possui baixa escolaridade e possuem mais de 1 filho.</p>	<p>Modelo Bidimensional de Práticas Informacionais McKenzie (2003)</p>
--	--	--

crecesse. Página 101

Durante as entrevistas um assunto mencionado foram as Barreiras encontradas durante o processo de busca por informação, assim, elencamos uma subcategoria com esse termo para análise da situação mencionada pelas pesquisadas. As informações desagradáveis sobre o assunto microcefalia, encontradas na Internet foram consideradas pelas mulheres uma barreira, pois, por causa disso houve mulher que deixou de acessar o meio digital, para esse fim. Por isso essa subcategoria foi inserida na categoria que trata da frequência e acesso a fontes de informação na web, pelo fato de provocar a suspensão ou diminuição do acesso à Internet. “ [...] foi horrível. O que você coloca...você pode colocar lá microcefalia infantil, vai aparecer cada coisa que parece um negócio do outro mundo, que você se abala muito se você for ficar lá, eu na primeira pressão fiz uma pesquisa e assim mesmo não fui mais, não entrei mais no Google, porque não é positivo! Não tem nada de positivo, de dizer 59 assim: Não, eles vão, vai dar certo, vão ter uma expectativa de tudo, não diz nada disso, é tudo ao contrário” (Entrevistada 3). “ [...] Então assim, tinha as vezes eu via assim, não, que todo diagnóstico a criança no ventre não é 100% de certeza, então eu ainda tinha esperança que ela ia nascer sem microcefalia, mas.....não foi né? E tinha as vezes que dizia que 99% de diagnosticava a microcefalia e a criança ia nascer com microcefalia, aí eu chorava, ela dava esperança e tirava. A Internet tem muito disso, ela dá esperança, quando ela puxa, ela puxa, entendeu? Então assim, eu hoje não recorro mais. Entendeu? Por causa dessa dificuldade, porque ora é tão bom você ver, escutar aquilo aí você vai pra aí ver aquilo lá, não porque ahhhh olha sei que é uma faca de dois gumes né?” (Entrevistada 5) “ [...] Teve um período, logo assim que eu soube, eu procurei, que eu não sei mexer, mandei meu menino. Procurei, mas eu fiquei muito abalada, aí eu não quis mais procurar saber [...] O problema dele, dizer que eu não queria saber disso, aí parei de mexer com isso [...] Aí pare de mexer de botar isso na sua cabeça, aí eu parei, eu chorava bastante, chorava bastante, tanto que hoje eu sou acompanhada. Por uma psiquiatra. ” (Entrevistada 7). Observamos que por se tratar de tema sensível, ligado ao filho ou a filha, algumas informações/imagens vistas na Internet causavam grande desconforto, medo, insegurança e incerteza pelo que estava por vir com sua própria criança. As mulheres mencionaram que o fato de não saber o que era a microcefalia (como a síndrome se desenvolveria e quais sequelas poderiam causar) no momento do diagnóstico, causou muita aflição. Então, quatro entrevistadas procuraram, de pronto, o auxílio da Internet para saber mais sobre o assunto, enquanto que as três demais não se utilizaram desse meio, utilizaram muito pouco, ou ainda buscaram fontes de informação não digitais, pelos motivos mencionados. Portanto, durante as conversas com as mulheres que acessaram a Internet para conseguir algum tipo de informação sobre microcefalia, parte delas se frustrou e não ficou satisfeita com o que encontrou. Nota-se que o fato da Internet apresentar dados, imagens e informações negativas sobre microcefalia afastou algumas delas, que pararam de pesquisar ou passaram a pesquisar apenas ocasionalmente. Página 59

